

REVISTA BRASILEIRA DE
FILOSOFIA 1955

POSIÇÃO DE AUGUSTO COMTE NA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA

Evaristo de Moraes Filho

(Da Universidade do Brasil)

"Alles Gescheite ist schon gedacht worden,
man muss nur versuchen, es noch einmal zu denken".

GOETHE — *Sprüche* — in *Goethes Werke*
in sechs Bänden — Vol. VI —
Leipzig — 1909 — pág. 495.

"Les ouvrages d'Auguste Comte, longs et dif-
ficiles à lire, aident à la méprise: on ne va guère
chercher le philosophe chez lui, on se contente de
oui-dire sur son compte".

L. OLLÉ-LAPRUNE — *Préface* — in R. P.
Gruber — *Auguste Comte — Fonda-*
teur du Positivisme — trad. de Ph.
Mazoyer — Paris — 1892 — pág. IV.

Todo criador de sistema filosófico ou político, seja êle Aristóteles, Tomás de Aquino, Descartes, Kant, Comte ou Bergson, é ao mesmo tempo um polemista. Antes de construir a sua doutrina própria, procura destruir as anteriores, como quem afasta um obstáculo do seu caminho. A rigor, não há sistema de filosofia que não seja dogmático. Basta suas simples noção de concepção unitária, total e fechada, como quem procura incluir dentro de limites precisos tôdas as possibilidades do pensamento humano. Por isso mesmo, nada mais lisonjeiro a um filósofo do que fazer escola, possuir discípulos, sentir-se difundido pelos tempos em fora, gozando ainda em vida a sensação de uma imortalidade para sempre assegurada.

Em consequência disso, não há sistema filosófico que não se coloque entre dois fogos, aguerridos ambos: dos discípulos fanáticos e dos adversários intransigentes. Tanto uns como outros podem causar a morte do sistema. Os segundos, porque outro não é o seu desejo; os primeiros, porque, no firme propósito de tornar inexpugnável a fortaleza do seu mestre querido, fecham-lhe

Revista Brasileira de Filosofia —
abril/junho 1955

- (61) “Ad 4. dicendum quod intentio Philosophi est dicere quod...; (q. 12 a. 5 ad 4.)
 (62) “Verbum quod insinuaré intendimus cum amore notitia est”. (q. 4 a. 1 sed contra.)
 (63) (Quando caeleste corpus ad humiditatem movet) “tunc medicus intendit dirigere materiam despicendo ad sanitatem inducendam...”. (q. 5 a. 9 praet 15.)
 (64) “Respondeo dicendum quod communis intentio hominum fuit reducere multitudinem in unitatem et...”. (q. 5 a. 9 c.)
 (65) Ille angelus... qui labia prophetiae purgavit, non intendebat reducere in se ipsum...”. (q. 9 a. 2 ad 2.)
 (66) “Ad 1. ergo dicendum quod in verbis illis D. nus intendit ostendere praesentiam Moysi ad alios prophetas...”. (q. 12 a. 9 ad 1.)

demasiado as portas que o comunicam com o mundo, levantam barreiras intransponíveis em torno do seu tesouro, e acabam por lhe tirar a vida por excesso de zelo. É como o pai que, na ânsia de salvar o seu filho, leva-lhe a morte por asfixia: agasalha-o demais.

Resultado: fica o leitor desavisado, desprevenido, mas bem intencionado, entre duas bocas de fogo. E para isso só há um caminho, equidistante do amor exagerado ou do rancor intolerante: ir diretamente à fonte. Alias, é o conselho que dá Emile Boutroux, um desses espiritos de boa fé diante do pensamento de Comte, que mais de uma vez cuidou de interpretá-lo com absoluta isenção de ânimo, serenamente, compreensivamente. Diz êle: “Ces dernières années ont vu refléurir la gloire d’Auguste Comte. Il a suffi, pour que ce philosophe prit définitivement son rang parmi les maîtres de l’humanité, qu’on s’affranchit des jugements tout faits de ses panégyristes et de ses détracteurs, et qu’on le lût. Sa pensée, prise à la source, était bien plus riche et féconde que les formules où l’on croyait la capter. Ainsi éveillés de notre sommeil dogmatique...” (1).

E poucos têm sofrido mais desse mal na história da filosofia do que Augusto Comte, porque o seu sistema não se limitou a ser uma doutrina lógica ou de teoria do conhecimento — até que a este respeito foi pouco. Foi além, abrangendo os planos de uma moral, de uma política e de uma religião. E com isso, tocou Augusto Comte terrenos alheios, lugares sagrados, plenos de valores e de paixões, seculares. Se por um lado, foi atacado mais duramente como criador de religião; também por outro, foi igualmente seguido e adorado pelo mesmo motivo.

Enquanto se discutia com veemência o seu culto, ia ficando esquecida a sua obra principal, aproveitada somente aqui e ali por estudiosos isolados. Mas, em verdade, poucos o iam ler diretamente em seus textos originaes. Para que perder tempo com um pensador do século passado, já tão analisado, tão inquirido? Nada de novo se poderia encontrar em seus livros. É êste, de resto, o destino dos grandes pensadores: servem de fonte para páginas de antologias e de compêndios, são espetados em pontas de alfinete, classificados definitivamente em quadros sinóticos, como borboletas secas. Tiradas do seu contexto, perdem as suas idéas muito da sua força e da sua originalidade. Passam a ser repetidas como trechos de automatismos psicológicos, e acabam por constituir verdadeiros lugares comuns da história da filosofia.

(1) E. Boutroux — in Edward Caird — *Philosophie Sociale et Religion d’Auguste Comte* — trad. de May Crum e Charles Rossignaux — Paris — 1907 — pag. 1.

Ainda há pouco, escreviam Bannes e Becker quase que a mesma frase de Boutroux a respeito de Comte, embora sem conhecerem a opinião do pensador francês: "Las doctrinas más importantes de Comte — a saber, la jerarquía de las ciencias, con la sociología a la cabeza, la división de ésta en estática y dinámica sociales, la "ley de los tres estados" del progreso universal y la concepción de la naturaleza orgánica de la sociedad, con su corolario de la sociedad como un organismo que se desarrolla — se han reproducido con tanta frecuencia en los resúmenes de teoría sociológica que han llegado a convertirse en lugares comunes. Sin embargo, una lectura, aunque sea muy superficial, de las obras más importantes de Comte da forzosamente al lector la impresión de que hay en ellas mucho más de lo que se puede resumir inteligentemente bajo esos epígrafes. Hay pocos problemas de teoría o historia social a los que no toca-se" (2).

Dai a importância imensa das idéias de Comte na história do pensamento moderno. Pode-se dizer dele o que disse Paul Menzer, professor da Universidade de Halle, a respeito de Kant: "todo o pensamento moderno terá de aceitá-lo ou rejeitá-lo; mas não poderá prescindir dele". A mesma coisa representa o movimento filosófico criado por Augusto Comte na primeira metade do século passado. Doutrina sintética, oriunda de várias fontes de pensamento, cuja linhagem mais recuada se prende a Aristóteles, no mundo antigo, representa o positivismo as correntes da sua época mais próximas da ciência e dos conhecimentos empíricos. O próprio Comte, em inúmeras oportunidades, voltava sempre a este assunto das suas origens filosóficas, e gostava mesmo de entrar em pormenores, chegando até a exagerar. Como que dando contas à posteridade, escreveu no prefácio do *Catecismo positivista* meia página que representa um resumo completo sobre a matéria: "Tandis que Hume constitue mon principal précurseur philosophique, Kant s'y trouve accessoirement lié; sa conception fondamentale ne fut vraiment systematisée et développée que par le positivisme. De même, sous l'aspect politique, Condorcet dut être, pour moi, complété par de Maistre dont je m'appropriai, dès mon début, tous les principes essentiels, qui ne sont plus appréciés maintenant que dans l'école positive. Tels sont, avec Bichat et Gall comme précurseur scientifiques, les six prédécesseurs immédiats qui me rattachèrent toujours aux trois pères systématiques de la vraie philosophie moderne, Bacon, Descartes et Leibniz. D'après cette noble filiation, le moyen âge, intellectuellement résumé par saint Thomas d'Aquin, Roger Bacon et Dante, me

(2) Harry E. Barnes e Howard Becker — *Historia del Pensamiento Social* — trad. de Vicente Herrero — Vol. I — Mexico — 1945 — pág. 560.

subordonne directement au prince éternel des véritables penseurs, l'incomparable Aristote" (3).

Ainda outros nomes poderiam ser acrescentados a esta lista, sendo de notar como o mais importante o de Saint-Simon, de quem Augusto Comte foi amigo íntimo e colaborador direto nas suas

(3) Auguste Comte — *Catechisme Positiviste* — Avec une introduction et des notes explicatives par F. F. Pécut — Paris — s./d. — págs. 5/6.

É conhecida a crítica de Renan contra o renome de Comte, porque, a seu ver, ele nada possuía de novo, por isso que todo o material de sua filosofia já se continha em pensadores anteriores, principalmente, dos dois últimos séculos. A resposta encontra-se no livro de Rouvre, logo abaixo da citação que faz da frase de Renan: "Oui, puisqu'il n'y a rien de nouveau sous le soleil, ni Auguste Comte, après Turgot, ni Einstein, après Comte, n'ont été les premiers à rendre compte du précaire et du transitoire, — c'est-à-dire du relatif, — qu'il y a dans nos sensations, nos jugements, nos affirmations. Oui, en remontant le cours des âges, on trouve toujours une antériorité à une pensée. Nul donc n'est premier en rien, sauf pour faire un total des faits acquis. Et par là, n'en, déplaise à Renan, Auguste Comte obtient la primauté, car il a su, précisément, faire le total des apports "positifs", issus des médiations de tant de grands hommes, qui vont, s'échelonnant, d'Aristote ou du roi Salomon à Condorcet, en passant par Bacon et Descartes; et lui, — dont la plume est parfois si lourde, j'en conviens avec Renan, — il a su concrétiser, en quelques phrases lumineuses et éternelles, le résultat de ces totalisations". Cf. de Rouvre — Auguste Comte et le Catholicisme — Paris — 1928 — pág. 28.

Aliás, como é reconhecido por todos os seus comentaristas, ninguém gostava tanto de apontar tanto os seus antecedentes filosóficos como Augusto Comte. Aliás, Bergson já chamou a atenção para este momento na história da filosofia. No primeiro capítulo de *La Pensée et le mouvement*, intitulado *Croissance de la vérité* — *Mouvement rétrograde du vrai*, escreve ele: "A toute affirmation vraie nous attribuons ainsi un effet rétroactif: ou plutôt nous lui imprimons un mouvement rétrograde." "... Notre appréciation des hommes et des événements est tout entière imprégnée de la croyance à la valeur rétrospective du jugement vrai, à un mouvement rétrograde qu'exécuterait automatiquement dans le temps la vérité une fois posée. Par le seul fait de s'accomplir, la réalité projette derrière elle son ombre dans le passé indéfiniment lointain: elle paraît ainsi avoir préexisté, sous forme de possible, à sa propre réalisation."

Quer dizer, o conceito abstrato, o juízo discursivo, o que se tem como verdadeiro possui a tendência de procurar no passado argumentos e antecipações que lhe dêem maior confirmação e mais firmeza, quando nem sempre o passado é idêntico ou análogo ao presente. Julgamo-lo com os olhos do presente.

A mesma coisa se dá na história dos sistemas filosóficos. Nenhum deles vem do nada, todos se prendem ininterruptamente, numa perfeita demonstração da continuidade do pensamento humano. E os sistemas que mais perduram, que mais representam a sua época, são exatamente os sintéticos, os que, como um grande lago, fazem desaguar em seu seio as correntes mais representativas do seu tempo. Há a vista o sistema de Kant, que confessava ser a sua *Crítica da Razão Pura* o resultado de três fontes diversas: a ciência físico-matemática de Newton, o empirismo inglês (Hume) e o racionalismo alemão. Outro grande movimento contemporâneo de Comte, o do materialismo dialético de Karl Marx, também confessava a sua tri-

primeiras obras, chegando a denominar-se mesmo seu aluno. Sobre isso, voltaremos mais tarde.

O positivismo é produto direto da sua época, como soem ser todos os sistemas autênticos de filosofia, como lembra Émile Brehier (4). Com a revolução industrial já francamente realizada, em pleno florescimento das ciências experimentais, que de avanço em avanço iam conquistando terreno à antiga especulação racionalista, pôde Augusto Comte tentar a síntese dos conhecimentos positivos do seu tempo. Era muito recente e retumbante o triunfo da física, da química e de algumas idéias biológicas, para que não se sentisse atraído o espirito de um aluno da escola Politécnica, em busca de um novo poder espiritual, capaz de trazer tranquilidade e ordem à sociedade de seus dias. A religião e a metafísica já tinham dado o que tinham de dar em favor da humanidade, nada mais sendo lícito esperar delas como capaz de acompanhar as manifestações da ciência. Nada mais aspirou a filosofia comtiana do que ser um

plíce origem: a economia clássica inglesa, o socialismo francês e a filosofia hegeliana. E ninguém exerceu maior ação internacional do que Marx, como que denunciando a própria nascença internacional do seu sistema...

Mas, em verdade, é exatamente da síntese de idéias alheias, como numa combinação química — e não simples mistura, — que surge a visão nova do mundo e da vida. Não se trata de uma simples soma de elementos heterogêneos, matematicamente impossível, e sim de uma fusão definitiva dos antigos elementos. Comte poderia dizer como Frei Amador Arrais — *Diálogos* — Lisboa — 1846: "Confesso que as mais das leguarias com que vos convindo são alheias, mas o guizamento delas é de minha casa". E o guizamento de Comte, como veremos a seu tempo, deu como resultado, inteiramente novo, a criação da sociologia.

Tivemos o cuidado de ler e anotar — como não vimos até hoje em autor nenhum — algumas das vezes em que Comte se refere aos seus antecedentes filosóficos. Eis uns poucos exemplos, bastantes para comporvar a sua honestidade intelectual: *Cours...* — Vol. I — págs. I, XII, XIV, I; Vol. III — 418/9; Vol. IV — VIII, 126 e segs.; *Système...* — Vol. I — 157, 439, 441, 712; Vol. II — 321, 357; Vol. III — 18, 614/615, além do prefácio III e XXXI; Vol. IV — 139, 176, 180/181. Nos *Opuscules*, então, que se seguem como Apêndice, neste mesmo Vol. IV, as citações são abundantíssimas. II, 106, 156/7, 158, 195/6; *Catéchisme...* — 4/6, 24/25; e assim por diante.

Sobre os antecedentes de Comte é imensa a bibliografia, aliás, assunto obrigatório de todos os seus comentaristas. E não há um tratado ou história da filosofia que não dedique algumas linhas ao assunto. À medida que fomos tratando de matérias específicas, que tenhamos que nos reportar a autor anterior que dela já haja tratado, aí então nos referiremos concretamente a cada um.

(4) E. Brehier — *La Philosophie et son passé* — Paris — 1940 — pág. 5: "Aucune philosophie, qui mérite ce nom, n'a pu naître ou renaitre que sous la poussée des événements extérieurs, qu'il s'agisse de Descartes, des Encyclopédistes, d'Auguste Comte ou de Renouvier; elle est tissée dans la trame du temps qui l'a produite".

simples comentário geral dos resultados últimos das ciências positivas.

No primeiro volume do seu *Cours de Philosophie Positive*, no prefácio e na primeira lição, tentando definir o que seja *filosofia positiva*, esclarece Augusto Comte que nada mais faz do que seguir a tradição da filosofia natural do antigo pensamento inglês, iniciado por Newton (5). Dado o excesso de especializações dos cientistas,

(5) *Cours...* — ed. Schleicher, de 1934 — Vol. I — pág. XIII/XIV: "Il y a sans doute, beaucoup d'analogie entre ma philosophie positive et ce que les savants anglais entendent, depuis Newton surtout, par philosophie naturelle. Mais je n'ai pas dû choisir cette dernière dénomination, non plus que celle de philosophie des sciences qui serait peut être encore plus précise, parce que l'un et l'autre ne s'entendent pas encore de tous les ordres de phénomènes, tandis que la philosophie positive, dans laquelle je comprends l'étude des phénomènes sociaux aussi bien que de tous les autres, désigne une manière uniforme de raisonner applicable à tous les sujets sur lesquels l'esprit humain peut s'exercer."

Nem sempre Comte se mantém fiel à sua promessa, e às págs. 1, logo no início do livro, refere-se aos diversos ramos fundamentais da *philosophie naturelle*, indicados pelo programa sumário que apresentamos sobre o curso.

As págs. 32, volta a falar em "les considérations présenter dans ce cours sur toutes les branches principales de la philosophie naturelle".

A diferença entre uma e outra expressão é bem pequena. A rigor, segundo o prólogo Comte, reduz-se a isso: "L'expression philosophie naturelle est usitée, en Angleterre, pour désigner l'ensemble des diverses sciences d'observation, considérées jusque dans leurs spécialités les plus détaillées; au lieu que, pour philosophie positive, comparée à sciences positives, j'entends seulement l'étude propre des généralités des différentes sciences, conçues como soumises à une méthode unique, et comme formant les différentes parties d'un plan général de recherches. Le terme que j'ai été conduit à construire est donc, à la fois, plus étendu et plus restreint que les deux nominations, d'ailleurs analogues quant au caractère fondamental des idées qu'on pourrait, de prime abord, regarder comme équivalentes".

No chamado terceiro período da sua vida, no qual predominam os interesses de ordem prática, reformista, oferece Augusto Comte um conceito mais amplo de filosofia, distinguindo nela duas partes: uma natural, outra social. Lê-se no *Système...* — Vol. I — pág. 8: "La vraie philosophie se divise en deux grandes sciences, la cosmologie et la biologie, qu'un pareil langage fait mieux contraster".

No mesmo volume, às págs. 438: "La philosophie naturelle proprement dite, qui doit précéder et préparer la philosophie sociale, se compose ainsi de deux grandes sciences, la cosmologie et la biologie, qu'un pareil langage fait mieux contraster".

A pág. 454: "La philosophie naturelle, qui prépare la philosophie sociale, a pour domaine propre les lois générales des divers phénomènes essentiels qui constituent l'existence, organique ou inorganique, de tous les êtres inférieurs à l'humanité".

As págs. 735, do mesmo volume, a matéria vem cristalinamente exposta mostrando que os dois pontos de vista — do *Cours* e do *Système* — se complementam perfeitamente, dando o seu autor, porém, inicialmente maior ênfase

que se perdiam em pesquisas isoladas e fragmentárias, sem conhecerem os princípios gerais informativos do espirito científico, tornava-se necessário um estudo de generalidades, uma verdadeira especialidade de idéias gerais, que orientasse todos os ramos do conhecimento, dêles recebendo a sua seiva direta, mas sem confundir-se com os seus detalhes específicos. Filosofia positiva significa, assim, a filosofia geral das diversas ciências particulares.

Vamos aos textos, já que nos tracamos o firme propósito de fidelidade a mais absoluta. Ao tratar do assunto pela primeira vez, escreve Comte: "L'expression *philosophie positive* étant constamment employée, dans toute l'étendue de ce cours, suivant une acception rigoureusement invariable, il m'a paru superflu de la définir autrement que par l'usage uniforme que j'en ai toujours fait. La première leçon, en particulier, peut être regardée tout entière comme le développement de la définition exacte de ce que j'appelle la *philosophie positive*. Je regrette néanmoins d'avoir été obligé d'adopter, à défaut de tout autre, un terme comme celui de *philosophie*, qui a été si abusivement employé dans une multitude d'acceptions diverses. Mais l'adjectif *positive* par lequel j'en modifie le sens me paraît suffire pour faire disparaître, même au premier abord, toute équivoque essentielle, chez ceux, du moins, qui en connaissent bien la valeur. Je me bornerai donc, dans cet avertissement, à déclarer que j'emploie le mot *philosophie*, dans l'acception que lui donnaient les anciens, et particulièrement Aristote, comme désignant le système général des conceptions humaines; et, en ajoutant le mot *positive*, j'annonce que je considère cette manière spéciale de philosopher qui consiste à envisager les théories, dans quelque ordre d'idées que ce soit, comme ayant pour objet la coordination des faits observés, ce qui constitue le troisième et dernier état de la philosophie générale, primitivement théologique et ensuite métaphysique, ainsi que je l'explique dès la première leçon" (6).

Assim, admite Comte a denominação de *filosofia positiva* como significando: a) o sistema geral das concepções humanas; b) encarrando-as, porém, unicamente como coordenadoras dos fatos fatos observados. Pela nota 5, viu-se que êle abandonava a expressão *filosofia natural* como equívoca e pouco precisa, mas — curioso

20 elemento social ou humano no segundo: "La philosophie positive se décompose d'abord en philosophie sociale et philosophie naturelle, dont la seconde sert de préambule fondamental à la première, seul objet définitif de nos spéculations réelles. Cette indispensable préparation scientifique et logique, exige que la philosophie naturelle se divise, à son tour, en deux grandes sciences, la cosmologie et la biologie, successivement destinées à étudier abstraitement le monde et la vie".

(6) *Cours*... — Vol. I — pag. XIII.

— logo na página seguinte, já de texto propriamente dito, volta a falar em *filosofia natural*, cujos ramos fundamentais serão estudados no *Curso*.

Precisando mais o primitivo conceito emitido — bem dentro do seu estilo, minucioso e exato — analisa esta noção inicial, aproximando-a mais do seu objetivo imediato no *Curso*. Vem descrevendo do geral para o particular, reduzindo cada vez mais o âmbito da filosofia. Assim é que, "la philosophie, dont la plus haute ambition est de découvrir les lois des phénomènes, et dont le premier caractère propre est précisément de regarder comme nécessairement interdits à la raison humaine tous ces sublimes mystères, que la philosophie théologique explique, au contraire, avec une si admirable facilité jusque dans tous leurs moindres détails".

Páginas adiante, esclarece mais ainda o seu ponto de vista, que distingue nitidamente a filosofia positiva da filosofia clássica: é o seu abandono da pesquisa das causas primeiras e finais dos fenômenos, basta-lhe a noção de *lei*, isto é, a relação constante, de simultaneidade ou sucessão, que se dá entre os fenômenos, nas mesmas condições de fato: "Le caractère fondamental de la philosophie positive est de regarder tous les phénomènes comme assujettis à des lois naturelles invariables, dont la découverte préside et la réduction au moindre nombre possible sont le but de tous nos efforts, en considérant comme absolument inaccessible et vide de sens pour nous la recherche de ce qu'on appelle les causes, soit premières, soit finales".

Só então, depois de determinado o conceito exato da filosofia positiva, é que Comte inicia o estudo do seu conteúdo, apresentando ao leitor qual será o objeto do seu tratado. Longe dêle a pretensão de estudar cada um dos ramos dessa filosofia, não só pela extensão da tarefa, verdadeiramente sobre-humana, como também pela impossibilidade dos conhecimentos aprofundados no estado atual de especialização científica. Contudo, são necessárias as noções prévias sobre cada ciência especial, a fim de que se possa compreender o alcance do *Curso*, que será de filosofia positiva, e não de ciências positivas: "Il s'agit uniquement ici de considérer chaque science fondamentale dans ses relations avec le système positif tout entier, et quant à l'esprit qui la caractérise, c'est-à-dire, sous le double rapport de ses méthodes essentielles et de ses résultats principaux".

E já aquela época bem compreenderam Comte o perigo da especialização exagerada dos cientistas. Pode-se mesmo dizer que foi o filósofo de Montpellier o criador da filosofia das ciências, neste sentido moderno. Não vamos discutir aqui nenhuma das teses sobre a divisão do trabalho científico, se inicialmente todas as ciências se encontravam pressas ao tronco comum da filosofia, de onde foram se destacando; ou se desde o começo tiveram origens diferentes,

preocupada aquela com o trabalho especulativo e estas com as tarefas práticas do homem em sociedade. O que importa é que Augusto Comte, já a seu tempo, colocou bem à mostra o perigo da excessiva especialização, pela divisão do trabalho intelectual, em que cada qual se entrega a pesquisas isoladas, fracionadas, esquecido da unidade do conhecimento e da interdependência que deve dirigir todos os ramos do conhecimento humano. Seria ilusão utópica pretender voltar à universalidade primitiva de estudos, já que cada ciência possui objeto próprio, inconfundível, além de método também específico, pela adaptação forçada que o método geral sofre em cada campo especial de pesquisa. E a especialização tende a crescer sempre mais, subdividindo e se diversificando em ramificações menores, cada vez mais distantes do ponto de vista geral e amplo da filosofia.

Os próprios cientistas não podem cuidar dessa visão de conjunto, já que lhes falta tempo e estão demasiadamente mergulhados na sua própria especialidade. Por outro lado, dada a complexidade das diversas ciências, não podem elas, por suas simples relações mútuas, apontar o resultado dessa tarefa. Faz-se mister a criação de outra especialidade: a das generalidades. Nas palavras de Comte: "Il est clair, d'ailleurs, que la seule étude de généralités des sciences fondamentales est assez vaste par elle-même, pour qu'il importe d'en écarter, autant que possible, toutes les considérations qui ne sont pas indispensables..." "La philosophie des sciences fondamentales, présentant un système de conceptions positives sur tous nos ordres de connaissances réelles, suffit, par cela même, pour constituer cette *philosophie première* que cherchait Bacon, et qui, étant destinée à servir désormais de base permanente à toutes les spéculations humaines, doit être soigneusement réduite à la plus simple expression possible" (7).

(7) *Cours...* — pág. 41.

Sobre o assunto, ainda na primeira lição — a última citação já é da segunda, págs. 6, 8, 9, 13, 15/17, 20/24.

No prefácio geral dos *Opuscules* — *Système...* — Vol. IV — pág. I, escreve Comte: "Voilà pourquoi je consacrai la première moitié de ma carrière à constituer, d'après les résultats scientifiques, une philosophie vraiment scientifique".

Em resumo, segundo Comte, as relações entre a filosofia e as ciências podem ser assim expostas: a filosofia é o sistema geral das concepções humanas, é o estudo próprio das generalidades das diferentes ciências, concebidas como submetidas a um método único e fazendo parte de um plano geral de pesquisas. Embora não se confunda a filosofia com as ciências, detalhadas e especializadas, resolve-se, afinal de contas, com a ciência, considerando do ponto de vista sintético e geral. Os filósofos nada mais, senão do que uma classe especial de sábios, que, em vez de se dedicarem a pesquisas especiais de algum ramo particular, procurarão determinar o espírito

Conceituada o que seja filosofia positiva, como o estudo geral dos princípios básicos das ciências, convém agora precisar mais ainda quais as suas características na concepção comtiana. Preliminarmente é preciso que se chame a atenção para um ponto importante, que nem sempre é destacado no estudo de Comte, fazendo-o vítima de uma crítica absolutamente infundada. Trata-se do seguinte: a sua concepção do mundo não é monista, explicada por um princípio único, uniforme e homogêneo. A unidade que inspira o seu sistema é metódica, nunca de objeto ou de matéria. E assim mesmo, sendo o método inseparável de cada aplicação concreta às diferentes ciências, sofre também alterações especiais, de acôrdo com o objeto imediato que tenha em vista. Cada ciência, à medida que vai se tornando mais complexa, utiliza todos os métodos das anteriores e mais um, que lhe é próprio. Quanto mais complexa, mais rica de métodos utilizáveis.

de cada ciência, descobrir suas relações e o seu encadramento, extraindo daí o menor número possível de princípios comuns.

A filosofia, em relação à ciência, possui um caráter de unidade mais elevado, mas não pode ultrapassar as explicações científicas.

Explica Lévy-Bruhl, autor do melhor e mais compreensivo livro até hoje publicado sobre Comte — *La Philosophie d'Auguste Comte* — Paris — 1900 — pág. 138: "Selon Comte, il n'y a pas deux formes du savoir, l'une positive et proprement scientifique, l'autre métaphysique et proprement philosophique. Toute notre connaissance réelle porte en dernière analyse sur des faits, particuliers ou généraux. Il ne peut donc être question d'une philosophie qui serait par essence, distincte du savoir positif".

Nas possíveis e necessárias relações da filosofia com a ciência, a concepção de Comte constitui um ponto de vista, detensável como outro qualquer, seja qual for o que adotemos. Veremos, adiante, que até possui adeptos, ainda mais intrasigentes do que ele.

Sobre o assunto, em geral: F. S. Marvin — *Comte* — trad. de Salvador Echavarría — México — 1941 — págs. 2/4; A. Cuvillier — *Manuel de Philosophie* — Vol. I — Paris — 1938 — págs. XXVIII e segs.; F. Chailay — *Petite Histoire des Grandes Philosophes* — Paris — 1948 — págs. 235 e segs.; F. Chailay — *Philosophie Scientifique et Philosophie Morale* — Paris — 1946 — págs. 206/207; J. Martiam — *Éléments de Philosophie* — Paris — Vol. I — 1939 — págs. 69 e segs.; J. Martiam (em geral) — *Les Degrés du Savoir* — Paris — 1932 — Cap. II (Philosophie et Science Experimentale) — págs. 43 e segs.; René Hubert — *Comte* — trad. de Demétrio Nães — Buenos Aires — 1943 — págs. 26 e segs.; E. Seillière — Auguste Comte — Paris — 1924 — págs. 35/46; Renouvier — *Op. cit.* — pág. 416; E. Caird — *Op. cit.* — págs. 75 e segs.; Raul A. Orgaz — *Sociologia* — Córdoba — 1950 — págs. 120/121; Hans Freyer — *Einleitung in die Soziologie* — Leipzig — 1931 — págs. 44/47; I. von Wiese — *Sociologia* — *Historia y principales problemas* — trad. de Luengo Tapia — Barcelona — 1933 — pág. 72; Max Scheler — *Sociologia del Saber* — trad. de José Gaos — Madrid — 1935 — pág. 116; R. Treves — *Sociologia y Filosofia Social* — Buenos Aires — 1941 — pág. 21; E. Brehier — *Histoire de la Philosophie* — t. II — vol. III — Paris — 1932 — págs. 868/9; P. Fontquière — *Précis de Philosophie* — Vol. II — Paris — 1950 —

É com veemência que Comte protesta contra o monismo interpretativo do mundo e da vida: "En assignant pour but à la philosophie positive de résumer en un seul corps de doctrine homogène l'ensemble des connaissances acquises, relativement aux différents ordres de phénomènes naturels, il étai loin de ma pensée de vouloir procéder à l'étude générale de ces phénomènes en les considérant tous comme des effets divers d'un principe unique, comme assujettis à une seule et même loi. Quoique je doive traiter spécialement cette question dans la prochaine leçon, je crois devoir, dès à présent, en faire la déclaration, afin de prévenir les reproches très mal fondés que pourrai m'adresser ceux qui, sur un faux aperçu, classeraient ce cours parmi ces tentatives d'explication universelle qu'on voit éclorre journellement de la part d'esprits entièrement étrangers aux méthodes et aux connaissances scientifiques"... "Dans ma profonde conviction personnelle, je considère ces entreprises d'explication universelle de tous les phénomènes par une loi unique comme éminemment chimériques, même quand elles sont tentées par intelligences les plus compétentes" (8).

O espírito humano é muito fraco e o universo excessivamente complicado para que alguém possa ter a pretensão de reduzir todas as manifestações a um princípio único, capaz de uma explicação científica também única. Só a lei da gravitação universal se aproxima de tal desideratum, que é a mais geral de todas as leis naturais que o espírito humano conhece, mas, assim mesmo, deixa em aberto várias questões fora de seu âmbito especial de aplicação.

pág. 231; E. Bourtroux — *La Nature et l'Esprit* — Paris — 1926 — págs. 153/154; W. Windelband — *History of Philosophy* — trad. de James H. Tufts New York — 1901 — págs. 650/1; H. Hofding — *History of the Philosophy Moderne* — Vol. II — trad. de P. Bordier — Paris — 1908 — págs. 345/347; A. Messer — *La Filosofia en el Siglo XIX* — trad. de J. Gaos — Madrid — 1931 — págs. 76/77; V. Delbos — *La Philosophie Française* — Paris — 1919 — págs. 341/2; R. Worms — *La Sociologie et la Philosophie* — Paris — 1926 — págs. 24, 155/6; W. Dilthey — *Teoria de la Concepcion del Mundo* — trad. de E. Imáz Mexico — 1945 — págs. 113, 192/4; 269/270, 271, 278; A. Cresson — *Les Courants de la Pensée Philosophique Française* — Vol. II — Paris — 1946 — págs. 110 e segs.; Alain — *Idees* — Paris — 1939 — págs. 291/304; M. M. Corce — *Traité de Philosophie* — Paris — 1938 — págs. 13.

(8) *Cours...* — Vol. I — págs. 28/29.

Escreve Delbos a respeito — *Op. cit.* — págs. 348: "Abstratamente, on conçoit que la perfection de l'esprit positif consiste à se représenter tous les phénomènes comme des cas particuliers d'un seul fait général, à les regarder comme assujettis à une loi unique. Mais vers cet idéal utopique de l'explication universelle Auguste Comte, dès le début de ses spéculations, a refusé de se diriger."

Desistindo de uma explicação monista do universo por um princípio único, apela Comte para a homogeneidade da doutrina e para a unidade do método: "Tout en tendant à diminuer, le plus possible, le nombre des lois générales nécessaires à l'explication positive des phénomènes naturels, ce qui est, en effet, le but philosophique de la science, nous regarderons comme téméraire d'aspérer jamais, même pour l'avenir le plus éloigné, à les réduire rigoureusement à une seule" (9).

Não sendo monista o sistema filosófico de Comte, também não é materialista, porque não admite êle uma redução dos fenômenos mais complexos aos mais simples, nem do superior ao inferior, até chegar a uma fórmula única explicativa de todo o determinismo universal. O universo apresenta-se ao espírito humano em verdadeira estratificação fenomênica, incapaz de uma síntese objetiva. Somente o espírito humano procura realizar, subjetivamente, esta síntese da totalidade do real.

(9) *Cours...* — Vol. I — págs. 30.

A possível homogeneidade das ciências reduz-se assim, para Comte, à simples constatação de que todas elas requerem a aplicação dos mesmos métodos positivos, mas que devem ser apropriados ao objeto de cada uma. Não há monismo, rigorosamente, nem no método a ser aplicado.

Comte não admitia uma lógica ou metodologia das ciências em separado das próprias ciências. Método e doutrina fazem um todo inseparável: "En effet, lorsqu'il s'agit, non seulement de savoir ce que c'est que la méthode positive, mais d'en avoir une connaissance assez nette et assez profonde pour en pouvoir faire un usage effectif, c'est en action qu'il faut la considérer; ce sont les diverses grandes applications déjà vérifiées que l'esprit humain en a faites qu'il convient d'étudier. En un mot, ce n'est évidemment que par l'examen philosophique des sciences qu'il est possible d'y parvenir. La méthode n'est pas susceptible d'être étudiée séparément des recherches où elle est employée; ou du moins ce n'est là qu'une étude morte, incapable de féconder l'esprit qui s'y livre".

Mas vale ter estudado a fundo uma só ciência, usando um método adequado, do que ter lido as regras do método em Bacon ou em Descartes, abstratamente, em separado de qualquer aplicação direta a um ramo do conhecimento.

Mas, também, como dissemos acima Comte era contra o método único para todas as ciências. Embora positivo, sofre modificações específicas, próprias a cada categoria de conhecimento — *Cours...* — Vol. I — págs. 59: "Il doit nécessairement en résulter que la méthode positive générale sera constamment modifiée d'une manière uniforme dans l'étendue d'une même science fondamentale, et qu'elle éprouvera sans cesse des modifications différentes et de plus en plus complexes, en passant d'une science à une autre. Nous aurons donc ainsi la certitude de la considérer dans toutes les variétés réelles dont elle est susceptible, ce qui n'aurait pu avoir lieu, si nous avions adopté une formule encyclopédique qui ne remplit pas les conditions essentielles posées ci-dessus".

Há uma conhecida frase de Dilthey, na qual se diz que o método é como a faca, é preciso ver primeiro se corta. Ora, esta mesma idéia está contida na frase seguinte de Comte (págs. 59): "Il est impossible de

Os diversos fenômenos, objetos das diferentes ciências, são irreduzíveis entre si. À medida que as ciências caminham do mais simples para o mais complexo, decrescendo em generalidade, torna-se impossível voltar sobre seus próprios passos, reduzindo todos os fenômenos a uma explicação única. De uma para outra há um acréscimo irreduzível, uma criação sintética de alguma coisa nova, que impede a compreensão, pura e simples, do superior pelo inferior. São interdependentes entre si e a mais complexa não pode surgir e desenvolver-se antes do aparecimento da que lhe é imediatamente anterior. Não se trata de uma simples soma quantitativa, e sim de uma nova síntese qualitativa.

Já no *Cours*, Comte chamava a atenção para o critério de classificação das ciências. Qual a sua verdadeira base? Os próprios fatos objetivos: "Abordando mantendo d'uma manière directe cette grande question, rappelons-nous d'abord que pour obtenir une classification naturelle et positive des sciences fondamentales, c'est dans la comparaison des divers ordres de phénomènes dont elles ont pour objet de découvrir les lois que nous devons en chercher le principe. Ce que nous voulons déterminer, c'est la dépendance réelle des diverses études scientifiques. Or cette dépendance ne peut résulter que de celle des phénomènes correspondants. En considérant sous ce point de vue tous les phénomènes observables, nous allons voir qu'il est possible de les classer en connaître la méthode positive, quand on veut l'étudier séparément de son emploi".

O método vai sofrendo um enriquecimento progressivo à medida que vai sendo aplicado às diversas ciências positivas, desde a primeira à última. Numa, predomina a observação; noutra a experimentação; noutra ainda, a comparação; ou na sociologia, o método histórico, e assim por diante. Só depois de estudá-lo em todas as ciências é que se pode ter noção completa do que seja o método positivo.

Para o método em geral, no *Cours*... — Vol. I — págs. 1, 21, 89; Vol. II — 7/8, 211, 224/237; Vol. III — 164/169; Vol. IV — 151 e segs. No *Système*... — Vol. IV — págs. 200 e segs.

Continue Fouillée a unicidade do método com a homogeneidade da doutrina em Comte e declara que ele aconselha o emprego de um método único, sempre o mesmo, uniforme: "Pour constituer cette science (la sociologie), il ne faut employer une autre méthode que dans les sciences mathématiques et physiques, qui ont pour objet la nature: une seule et même méthode doit renouveler toutes les sciences." (*Histoire de la Philosophie* — Paris — 16a. ed. — 1924 — pág. 424).

Um alemão, Windelband, expõe esta parte com muito maior fidelidade ao pensamento de Comte do que o francês Fouillée — *Op. cit.* — pág. 653: "But apart from this theory and in spite of the one-sidedness of his education along the lines of mathematics and natural science, Comte was yet sufficiently broad-minded to understand and to preserve the distinctive character of the different disciplines, and as he had already attempted to secure for biology its own distinctive methods, he expressly claimed for his sociology the 'historical method'".

un petit nombre de catégories naturelles, disposées d'une telle manière que l'étude rationnelle de chaque catégorie soit précedente, et devienne le fondement de l'étude de la suivante" (10).

Deve-se notar a terminologia de Comte, quando ele divide os fenômenos objetivos em *categorias naturais*, que, embora dependentes umas das outras, não podem ser reduzidas a um único fenômeno inicial, básico e explicativo de todos os demais. Posteriormente, aprofunda Augusto Comte este ponto, declarando então a irreduzibilidade de uma categoria para outra: "Une judicieuse exploration du monde extérieur l'a représenté comme étant beaucoup moins lié que ne le suppose ou ne le désire notre entendement, que sa propre faiblesse dispose davantage à multiplier des relations favorables à sa marche, et surtout à son repos. Non seulement les six catégories fondamentales que nous distinguons ci-dessous entre les phénomènes naturels, ne sauraient certainement être toutes ramenées à une seule loi universelle; mais il y a tout lieu d'assurer maintenant que l'unité d'explication, encore poursuivie par tant d'esprits sérieux envers chacune d'elles prise à part, nous est finalement interdite, même dans ce domaine beaucoup plus restreint" (11).

Em outros locais e em outras oportunidades, principalmente em suas últimas obras, voltou Augusto Comte a frisar bem este ponto de sua concepção do mundo e da vida: a impossibilidade de redução das ciências superiores às inferiores, na vã tentativa de procurar-se explicar os fenômenos daquelas pelos princípios destas. A isto é que chamava Comte de materialismo: a explicação dos fenômenos mais nobres pelos mais grosseiros.

Não sendo o seu sistema de índole monista ou materialista, também não se pode enquadrar dentro do puro empirismo ou do racionalismo absoluto. Desde o início do *Curso*, mostra Comte

(10) *Cours*... — Vol. I — págs. 47/48. Não é nosso propósito estudar aqui a classificação das ciências de Comte, porque quisemos apresentar unicamente a sua concepção do mundo, nos conceitos básicos da filosofia positiva e da sua teoria do conhecimento. Por isso, somente tocamos naquele assunto na medida em que foi estritamente necessário.

(11) *Discours Préliminaire sur l'Esprit Positif* — publicado como introdução ao *Traité Philosophique de l'Astronomie Populaire* — Paris — 1893 — pág. 23.

No *Système*... — Vol. I — pág. 472 volta Comte a escrever: "Sous cet aspect décisif, l'abus en mathématique constitue réellement la première phase spéciale du matérialisme systématique, assez caractérisé, en général, dans mon discours préliminaire. L'usurpation de la physique par les géomètres, de la chimie par les physiciens, et de la biologie par les chimistes, deviennent ensuite de simples prolongements successifs d'un vicieux régime, dont le principe est toujours le même, et qui ne peut être radicalement rectifié qu'en son germe insperçu".

a importância imprescindível da teoria para a pesquisa. Não há fatos sem teorias gerais que os informem. Nem todos os fatos são relevantes ou significativos para a ciência. E esta afirmativa constitui uma constante no pensamento do criador do positivismo.

O primeiro texto que encontramos no *Curso* é bem claro, decisivo, mostrando a inseparável ligação entre a teoria e o fato: "Si d'un côté toute théorie positive doit nécessairement être fondée sur des observations, il est également sensible, d'un autre côté, que, pour se livrer à l'observation, notre esprit a besoin d'une théorie quelconque. Si, en contemplant les phénomènes, nous ne les rattachons point immédiatement à quelques principes, non seulement il nous serait impossible de combiner ces observations isolées, et, par conséquent, d'en tirer aucun fruit, mais nous serions même entièrement incapables de les retenir; et, le plus souvent, les faits resteraient inaperçus sous nos yeux" (12).

(12) O *Cours*... — Vol. I — pág. 5.

Eis uma constante no pensamento de Augusto Comte. Em várias outras oportunidades, não se cansa o criador do positivismo de repetir sempre que se atasta tanto do empirismo quanto do dogmatismo ou do misticismo, na sua linguagem.

A pág. 16 do *Discours*, volta a escrever: "Depuis que la subordination constante de l'imagination à l'observation a été unanimement reconnue comme la première condition fondamentale de toute saine spéculation scientifique, une vicieuse interprétation a souvent conduit à abuser beaucoup de ce grand principe logique, pour faire dégénérer la science réelle en une sorte de stérile accumulation de faits incohérents, qui ne pourraient offrir d'autre mérite essentiel que celui de l'exacrité partielle. Il importe donc de bien sentir que le véritable esprit positif n'est pas moins éloigné, au fond, de l'empirisme que du mysticisme; c'est entre ces deux aberrations, également funeste, qui doit toujours cheminer". "C'est dans les lois des phénomènes que consiste réellement la science, à laquelle les faits proprement dits quelque exacts et nombreux qu'ils puissent être, ne fournissent jamais que d'indispensables matériaux. Or, en considérant la destination constante de ces lois, on peut dire, sans aucune exagération, que la véritable science, bien d'être formée de simples observations, tend toujours à dispenser, autant que possible, de l'explication directe, en y substituant cette prévision rationnelle, qui constitue, à tous égards, le principal caractère de l'esprit positif, comme l'ensemble des études astronomiques nous le fera clairement sentir".

Sobre isso, entre outros: H. Höffding — *Op. cit.* — págs. 366 e segs.; E. Brehier — *Op. cit.* — pág. 869; W. Wundt — *Introduction de la philosophie* — trad. de E. Luis Andrieu — Madrid — vol. II — 1912 — pág. 163; José Medina Echavarría — *Sociologia — Teoria y Técnica* — Mexico — 1941 — págs. 23, 69; Caird — *Op. cit.* — pág. 103; Marvyn — *Op. cit.* — págs. 29 e segs.; L. Levy-Brühl — *O. cit.* — págs. 74/75, que escreve: "A vrai dire, il n'y a même pas d'observation scientifique possible sans une théorie préalable, c'est-à-dire sans une loi présupposée, qui il s'agit de vérifier. Sans doute, dans la science devenue positive, l'imagination n'est traitée plus de "causes" ni d'"essences". Elle doit se soumettre à la raison, c'est-à-dire à l'investigation méthodique des phénomènes".

Apesar disso, Othmar Spann classifica Comte como empirista — *Filosofia de la Sociedad* — trad. de E. Imaz — Madrid — 1933 — pág. 33/34.

Eis um trecho de absoluta atualidade, irrepresentável mesmo para a ciência de hoje, em que pese aos métodos fenomenológicos e da própria psicologia da *Gestalt*. A verdade é que não existe observação ou apreensão dos fatos exteriores, num tratamento sistemático ou científico, sem uma correspondente teoria que os oriente. Só assim se pode distinguir entre fato significativo e fato sem significação. Sempre destacando a necessidade de *ligar os fenômenos* entre si através de leis, atastava-se Comte do empirismo e do misticismo (segundo sua linguagem), definindo então a ciência como esta capacidade de conhecer os fenômenos por suas relações constantes e invariáveis (leis), advindo daí a possibilidade de previsão, verdadeiro objetivo da ciência humana: "Une telle prévision, suite nécessaire des relations constantes découvertes entre les phénomènes, ne permettra jamais de confondre la science réelle avec cette vaine *érudition* qui accumule machinalement des faits sans aspirer à les déduire les uns des autres" (13).

Logo, a apreensão do *real* na doutrina de Augusto Comte não decorre da simples experiência, pura e direta. A intuição ou os dados sensoriais não bastam para dar uma medida exata da realidade do mundo objetivo. Proporcionam somente material, estimado, objeto para a capacidade de conhecer do sujeito, que é a razão do homem. De nada valerá o mundo — na teoria do conhecimento

(13) *Discours*... — pág. 16.

Já antes, no vol. I do *Cours*, assim definiu Comte o que é ciência — págs. 71/72: "Toute science consiste dans la coordination des faits; si les diverses observations étaient entièrement isolées, il n'y aurait pas de science. On peut même dire généralement que science est essentiellement destinée à dispenser, autant que le comportent les divers phénomènes, de toute observation directe, en permettant de déduire du plus petit nombre possible de données immédiates, le plus grand nombre possible de résultats. N'est-ce point là, en effet, l'usage réel, soit dans la spéculation, soit dans l'action, des lois que nous parvenons à découvrir entre les phénomènes naturels?".

V. também *Système*... — Vol. II — pág. 33.

Contudo, faltou a Comte um aprofundamento crítico dessa sua apreensão do real. Ele não ultrapassou os limites dessas afirmações, realizando uma crítica da razão, à maneira de Kant. Posteriormente, na terceira fase de sua carreira filosófica, influenciado pelo crítico alemão, ensaia Comte, timidamente, meio hesitante, o reconhecimento da atividade unificadora do espírito.

Sobre isso: H. Höffding — *Op. cit.* — págs. 367/8; Ch. Renouvier — *Op. cit.* — págs. 395/396; F. Chailley — *Philosophie*, cit. — págs. 206/207; Émile Picard — *De la Science* — in *De la Méthode dans les Sciences* — Paris — 1909 — págs. 12/13, cuja crítica contra Comte não procede. Afirma Picard que o real é apreensível pouco a pouco, por todos os sentidos e pela razão humana, após várias tentativas, hipóteses, teorias e avanços da ciência. O real não é individual, nem instantâneo, é social. Ora, outra não é a doutrina de Comte, como vimos quanto à primeira parte, e veremos quanto à segunda daqui a pouco.

positivista — se não existisse o homem para conhecê-lo. Assim, sujeito e objeto são inseparáveis e dependem mutuamente um do outro, à maneira da gnoseologia kantiana. Daí ser sempre *relativo* o conhecimento, porque é uma relação permanente entre os dois elementos primordiais na teoria do conhecimento.

O real não nos é dado diretamente pela simples sensação, pela mera apreensão direta dos sentidos. Há muito de complementar, de racional, de construído pelo intelecto humano. Ao *nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu*, de Aristóteles, costumava Comte completar com o *nisi intellectus ipse de Leibniz*. O espírito não é uma *tabula rasa* passiva, inerte, diante da realidade; não, reage, reelabora-os dados dos sentidos, penetra-os, criando uma imagem do mundo, que tanto possui de empírica, quanto de racional.

Quase não se demoram os comentaristas de Comte neste ponto, chegando alguns a classificá-lo desde logo como empirista, e nenhum deles se refere ao seu critério de verdade, que se aproxima muito do de Hume, mas sem o simplismo deste. De todos os seus trechos a respeito do assunto, que tivemos o cuidado de anotá-los como não vimos até hoje em nenhum expositor a seu respeito, o mais completo é o que se encontra no primeiro volume da sua *Politique*: "Toutes les études positives, tant spontanées que systématiques, montrent l'humanité radicale de la séparation classique entre l'observation et le raisonnement. Nos opérations intérieures ne sont jamais que le prolongement, direct ou indirect, de nos impressions extérieures: réciproquement, celles-ci se compliquent toujours des autres, même dans les moindres cas. Comme Kant l'a bien senti, chacune de nos opinions est à la fois subjective et objective, notre esprit y étant à la fois actif et passif. Au fond, cette grande notion logique revient, dans la doctrine positive, à étreindre convenablement aux fonctions intellectuelles le principe fondamental de la biologie sur le concours nécessaire entre l'organisme et le milieu pour tout phénomène vital. Longtemps avant les philosophes, les poètes avaient reconnu avec le public, dont ils sont les meilleurs interprètes, que la plus vulgaire appréciation extérieure résulte souvent d'une combinaison très-complexe entre les facultés d'observation et de raisonnement que sépare vainement l'analyse métaphysique. Ce mélange serait, au besoin, assez constaté par une seule réflexion aisément vérifiable: il n'y a jamais de notions efficaces que d'après une suffisante réitération des impressions extérieures. Or, l'esprit ne pourrait être purement passif que dans la première perception. Dès la second, il se trouve déjà préparé

par la précédente, combinée avec l'ensemble des notions antérieures" (14).

Para Comte, a ciência nada mais é do que simples prolongamento da sabedoria comum, porque, por toda parte, sempre vão os homens procurando explicar os fenômenos da natureza, criando relações empíricas entre os mesmos, orientando sua vida pelas preceitas previsões que tais ensinamentos lhes podem proporcionar. Mas, mesmo em teoria do conhecimento, a ciência nada mais faz do

(14) — *Systeme*... — Vol. I — págs. 711/712.

Passagens como esta vêm repetidas em vários momentos desse seu livro, onde sempre aparece o nome de Kant. V. — Vol. I — págs. 439, 441; Vol. II — págs. 30 e segs; Vol. III — págs. 18, 541, 588, 606; Vol. IV — 176. E *Catechisme*... — págs. 53/54.

Comte conhece Kant muito superficialmente. Deve a sua descoberta a D'Eichthal, seu amigo, que, estagiando em Berlim, lhe enviou em 1824 uma tradução da *Ídéia de uma História Universal do ponto de vista cosmopolita*, filosofia alemã, inclusive uns extratos da obra de Hegel.

Augusto Comte ficou verdadeiramente maravilhado. Em carta ao amigo, de 10 de dezembro de 1824, agradeceu-lhe o trabalho que teve e disse a respeito do autor da *Ídéia*: "J'avais toujours regardé Kant, non seulement comme une très forte tête, mais comme le métaphysicien le plus rapproché de la philosophie positive. Mais cette lecture a beaucoup fortifié ma conviction à cet égard".

Não sabia Comte que, desde 1798, o seu compatriota Villers havia publicado um resumo da *Crítica da Razão Pura*, traduzido para o alemão também sob os auspícios do próprio Kant, ao mesmo tempo que dava uma versão completa do opúsculo de 1784. E o mais curioso é que muito mais tarde, ao se referir ao assunto, Émile Littré declara que o folheto é desconhecido na França e dá-se ao trabalho de lhe fazer uma tradução direta do original tedesco. Veja-se — *Auguste Comte et la Philosophie Positive* — Paris — 3ª ed. — 1877 — pág. 51: "L'opuscule de Kant est inconnu en France".

Para o assunto do conhecimento de Kant nos meios franceses — François Picavet — *La Philosophie de Kant en France de 1773 à 1814* — E. Kant — *Critique de la Raison Pratique* — Paris — 1921 — pgs. I/XXXVIII.

Quando Comte começou a escrever o seu grande sistema filosófico, impôs-se a si mesmo o que ele chamava *hygiène mental*, isto é, dali para diante deixaria de ler obras alheias, a fim de não o perturbarem na elaboração de suas próprias idéias. Contudo, em mais de uma passagem — e não encontramos este ponto destacado em nenhum dos seus comentaristas — mostra-se conhecedor da ulterior evolução do pensamento na Alemanha depois de Kant. Veja-se esta — *Systeme*... — Vol. II — pág. 30: "Cette subjectivité accessoire, vicieusement exagéré par les prétendus successeurs de Kant, conduit ceux qui ignorent penser à un idéalisme non moins immoral qu'absurde, qui consacre involontairement une complète personnalité, et rejette dorénavant la direction philosophique la plus propre à constituer l'esprit relatif, d'après les diverses conditions cérébrales de chaque notion réelle".

Já no *Cours*, vol. II, págs. 207, referia-se Comte também ao *naturalismo* alemão, isto é, à *Naturphilosophie* de Schelling ou Hegel. Apesar dessa aproximação do Comte com Kant, ele permanece *realista* absoluto e total. Nem por um segundo lhe passou pelo espírito a possibilidade

que completar a imagem do mundo existente no senso comum. Não se aqui uma certa influência da escola escocesa de Thomas Reid, e o próprio Emil Meyerson, o maior crítico do positivismo no domínio das ciências, não pôde deixar de reconhecer o avanço da concepção de Comte em relação aos empiristas, já que destacava a compreensão do real da simples sensação, partindo do senso comum, de vez que os objetos continuavam a existir mesmo quando, desviando o olhar, o sujeito já não o percebe. Mas, engana-se Meyerson quando atribui a Comte uma alteração profunda que o conhecimento

de colocar em dúvida a existência do mundo objetivo. Não só ele existe, como igualmente o homem nada mais pode fazer do que refleti-lo. Por essa sua doutrina, Comte pode ser classificado entre os realistas. A nota característica do realismo, segundo N. Hartmann — *Grundzüge einer Metaphysik der Erkenntnis* 1921 — pág. 91 "é aquela tendência que coloca o objeto acima do sujeito, e pretende mostrar como o objeto determina o sujeito".

Quanto à possibilidade do conhecimento, J. Hessen coloca Augusto Comte no *ceitismo metafísico*, porque nega a possibilidade do conhecimento supra-sensível. V. — *Teoria del conocimiento* — trad. de J. Gaos — Madrid — 1932 — pág. 51. Afinal de contas, o que Hessen chama de *ceitismo metafísico* nada mais é do que o que nós conhecemos como agnosticismo, em cujos quadros A. Cresson coloca tanto o *ceitismo kantiano* quanto o *positivismo*, ambos também como tipos de filosofia relativista — *Les Systèmes philosophiques* — Paris — 5.^a ed. — 1942 — págs. 172 e segs.

Sobre este assunto, escreve J. Wahl — *Tableau de la philosophie française* — Paris — 1946 — pág. 133: "Ajoutons que le positivisme est un réalisme. Il accepte l'idée empiririque et scolastique que rien n'est dans l'intelligence qui n'ait été d'abord dans les sens, sans toutefois nier la présence d'hypothèses et le rôle de convenances esthétiques à l'intérieur même de la science. Il conçoit le monde externe comme l'élément, le stimulant et le régulateur du monde interne. Ce dernier doit se faire le miroir exact de l'ordre extérieur".

Sobre o realismo em geral — A. Messer — *El realismo crítico* — trad. de Fernando Vela — Madrid — 1927, em que distingue entre realismo ingênuo e o realismo crítico, do conhecimento científico-filosófico. Entre um e outro, coloca-se, principalmente, a noção de *fenômeno*, em contraposição à de coisa em si ou de absoluto.

Assim, concluindo, em teoria do conhecimento, coloca-se Comte entre o empirismo e o dogmatismo, é fenomenalista (agnosticista, relativista) e realista crítico.

W. Dilthey o coloca, sumariamente, entre os fenomenistas — *Psicologia y Teoría del Conocimiento* — trad. de E. Imaz — México — 1951 — pág. 134. Sobre o assunto: Joseph B. Burgess — *Introduction to the History of Philosophy* — New York — 1939 — págs. 480/481; S. E. Frost — *The Basic Teachings of the Great Philosophers* — Philadelphia — 1942 — págs. 80/81; Ernst von Aster — *Historia de la Filosofía* — Santiago — 1943 — págs. 348/350; A. Weber — *Historie de la Philosophie Européenne* — 4.^a ed. — Paris — 1886 — págs. 529 e segs; além dos capítulos sobre Comte nas obras citadas de Höfding, que lhe dedica um parágrafo especial sobre teoria do conhecimento; Brehier, Windelband, Delbos, Renouvier, etc. Mas o estudo mais profundo sobre as relações do positivismo francês com o *ceitismo kantiano* ainda é o de Gustavo Baloit — *L'Idée et la Méthode de la Philosophie Scientifique chez A. Comte* — Compte rendu du Congrès de Philosophie — Colim. ed. — Paris — pag. 430 e segs.

da ciência traz ao conhecimento vulgar, mostrando a necessidade da hipótese (15). Outro não é, porém, o ponto de vista de Comte: "Il n'existe aucune séparation tranchée entre le domaine systématique de la science réelle et le champ spontané de la raison commune. Le premier n'offrant jamais qu'un prolongement spécial du second, sa culture logique, mieux caractérisée, peut éclairer la marche vulgaire. Or, elle consiste surtout, comme je l'ai si souvent montré, à construire toujours la meilleure hypothèse propre à représenter les phénomènes constatés" (16).

A ciência procura sempre, é claro, transformar o simples qualitativo da sensação no quantitativo matemático, daí a necessidade do número na ciência, que a torna mais precisa, mais segura, mais perfeita. Já dizia Kepler: *scire est mensurare*. Mas, assim mesmo, a razão ainda está com Comte: a aplicação da matemática às demais ciências só se torna possível quando elas alcançam um estado suficiente de positividade, quando possuem um número grande de observações e de elementos capazes de servirem de dados para os cálculos matemáticos (17).

(15) E. Meyerson — *La Déduction Relativiste* — Paris — 1925 — pág. 26.

(16) *Système...* — Vol. I — págs. 712/713.

Também *Catechisme*, pág. 153.

(17) Na *Déduction*, mostra Meyerson que o trabalho científico consiste em transportar os dados qualitativos da simples sensação para elementos quantitativos. Uma ciência é tanto mais segura e precisa quanto mais emprego fizer do número, isto é, da análise matemática. Cita vários autores mostrando que a "predominância do quantitativo constitui a própria essência do conhecimento científico".

Ora, disse bem sabia Augusto Comte. Distinguindo as ciências entre as do mundo inorgânico ou cosmologia e as do mundo orgânico (biologia e sociologia), declarava ele que a matemática dava unidade às do primeiro grupo, porque já haviam alcançado um estado de absoluta positividade, com um número suficiente de elementos e de leis, constantes, capazes de proporcionarem material suficiente para a análise matemática. Diz ele, quase nas mesmas palavras de Meyerson — *Système...* — Vol. II — págs. 444/445: "Car, l'invariabilité de l'ordre universel serait directement incompatible avec toute appréciation des modifications qu'il comporte. Si la qualité était radicalement irréductible à la quantité, comme le répètent, d'après Kant, les penseurs littéraires et ontologiques, il n'existerait réellement aucune règle générale, et la notion des lois naturelles se trouverait bouleversée. En un mot, toute prévision rationnelle deviendrait alors impossible, et la science se bornerait au pur empirisme, aussi dépourvu d'inductions que de déductions". No *Cours*, págs. 61/62, coloca a matemática como verdadeira lógica geral das demais ciências, antes do que uma ciência especial, fazendo parte dos quadros da filosofia natural. E quando a matemática pode ser aplicada — Vol. I, págs. 72, 89.

Na parte central da tese, sobre os *Opusculos* propriamente ditos, voltaremos ao assunto. Contudo, não vem demais esclarecer que Comte distingue entre grau de precisão e de certeza (*Cours*, Vol. I — pág. 56). Diz ele que a

Vimos, assim, que ao contrário do que se costuma afirmar não esqueceu Comte a necessidade da hipótese para a compreensão do real. Agora — e isso já constitui outro assunto — distingue êle entre as diversas categorias de hipóteses. Sempre alertado contra a metafísica, afasta as hipóteses sobre a estrutura íntima ou natureza de produção dos fenômenos, mas admite-as como necessárias no conhecimento, embora devendo ser admitidas sempre a mais simples e mais geral possível, que encontre sempre a confirmação a mais próxima possível dos fatos. Este o seu critério de verdade. Em suas palavras: "Mais l'emploi de ce puissant artifice doit être constamment assujéti à une condition fondamentale, à défaut de laquelle il tendrait nécessairement, au contraire, à entraîner le développement de nos vraies connaissances. Cette condition, j'ai vu vaguement analysée, consiste à ne jamais imaginer que des hypothèses susceptibles, par leur nature, d'une vérification positive, plus ou moins éloignée, mais toujours clairement inévitable, et dont le degré de précision soit exactement en harmonie avec celui que comporte l'étude des phénomènes correspondants. En d'autres termes, les hypothèses véritablement philosophiques doivent constamment présenter le caractère de simples anticipations sur ce que l'expérience et le raisonnement auraient pu dévoiler immé-

possibilidade de aplicar aos estudos dos diversos fenômenos a análise matemática constitui o meio de obter para esse estudo o mais alto grau possível de precisão e de ordenação. Quanto mais afastada a ciência, na escala enciclopédica, da matemática, mais difícil a sua aplicação, pelo número infinito de elementos e condições que aí participam.

Distingue-se, então, o grau de precisão do grau de certeza dos nossos conhecimentos. Fala-se communmente na desigualdade de certeza das diversas ciências, em prejuizo das mais elevadas, desencorajando o seu estudo. Trata-se, porém, de qualidades bem diferentes. Uma proposição absurda pode ser intrinsecamente precisa, como se se dissesse que a soma dos ângulos de um triângulo é igual a três ângulos retos. Ao passo que uma proposição muito certa pode não comportar senão uma precisão muito medíocre, como quando se afirma que todos os homens morrem. Assim, as diversas ciências podem apresentar uma precisão desigual, mas não quanto à certeza: "Chaque peut offrir des résultats aussi certains que ceux de tout autre, pourvu qu'elle sache renfermer ses conclusions dans le degré de précision que comportent les phénomènes correspondants, condition qui peut n'être pas toujours très facile à remplir. Dans une science quelconque, tout ce qui est simplement conjectural n'est que plus ou moins probable, et ce n'est pas là ce qui compose son domaine essentiel; tout ce qui est positif, c'est-à-dire fondé sur des faits bien constatés, est certain: il n'y a pas de distinction à cet égard".

Em livro especial, contra aplicação das matemáticas e dos métodos do fisicalismo na sociologia, refere-se Pitirim Sorokin, em nota a esta página e actual V. *Sociocultural Causality, Space, Time* — Durham — 1943 — págs. 46/47.

datement, si les circonstances du problème eussent été plus fa-variables", (18).

Distinguindo entre duas classes de hipóteses — uma relativa às leis dos fenômenos e outra referente à determinação dos agentes gerais aos quais se relacionam os diferentes gêneros de efeitos naturais — optava Comte pelas primeiras, coerente com os pontos primordiais da sua teoria do conhecimento: abandono das causas primeiras ou finais e volta para a experiência: a única fonte do conhecimento. De certo modo é o que pregava Hume também, como critério da verdade em caso de dúvida a respeito de uma idéia ou de uma concepção do espírito. Dizia êle que todas as idéias, principalmente as abstratas, são débeis e obscuras. O espírito não as apreende com firmeza, podendo confundil-as com outras e com significação diversa. Exatamente o oposto ocorre com as impressões, sensações internas ou externas (*ouward on inward sentiment*), que são fortes e vivas, já que os seus limites

(18) *Cours...* — Vol. II — pág. 226.

É deste ponto de Comte que parte a teoria pragmática das hipóteses de Henri Poincaré — *La Science et l'Hypothèse* — Paris — s./d. Ele não o cita só vez, mas sente-se a influência directa do pensamento do criador do positivismo. Dias amostras sômente: "L'expérience est la source unique de la vérité: elle seule peut nous apprendre quelque chose de nouveau; elle seule peut nous donner la certitude. Voilà deux points que nul ne peut contester"... "Toute généralisation est une hypothèse; l'hypothèse a donc un rôle nécessaire que personne n'a jamais contesté. Seulement elle doit toujours être, le plus tôt possible et le plus souvent possible, soumise à la vérification" (págs. 174 e 186).

Aliás, Comte já insinuava este papel útil das hipóteses, falando em *pod-rosa artificiel*.

É neste ponto que Meyerson faz o maior cavalo de batalha contra Comte, mostrando a necessidade da metafísica e suposições prévias na ciência. Deve-se notar, porém, a época em que escreveu Comte, preocupado sempre com as entidades metafísicas, os fluidos, os flogísticos, as substâncias, e causas primeiras ou finais, místicas, que nada provavam e que serviam para tudo. É bem verdade que nunca passou pela cabeça de Comte o exame crítico da razão, como vinha fazendo a filosofia europeia desde Descartes, cujo expoente maior fôra Kant. Para êle, isto seria occupar-se com o lado psicológico, com a psique individual, noções contra as quais não escondia a sua hostilidade. Então, só encontrou um meio, que se constituiu em proibições arbitrarias, por êle colocadas fora da ciência.

Bastava Comte ter permanecido na sua afirmativa genérica, verdadeiro critério científico, de que todo conhecimento vem da experiência, e teria aí uma fórmula geral, eficaz em qualquer época da ciência. Aliás, E. Littré, procurando defendê-lo das várias limitações que traçou às pesquisas científicas, também tocou este ponto — *Fragments de Philosophie Positive et de Sociologie contemporaine* — Paris — 1876 — pág. 569: "Comme chaque science, en son domaine, ne procède que de l'expérience et n'arrive qu'à des propositions, ou lois expérimentales. M. Comte a transformé le principe particulier qu'est scientifique, en un principe général qui est philosophique. Ce qu'il a pris pour

estão mais exatamente determinados e não é tão fácil confundir-las, causando equívoco. E termina: "When entertain, therefore, any suspicion that a philosophical term is employed without any meaning or idea (as is but too frequent), we need but inquire, *from what impression is that supposed idea derived?* And if it be, impossible to assign any, this will serve to confirm our suspicion. By bringing ideas into clear a light we may reasonably hope to remove all dispute, which may arise, concerning their nature and reality" (19).

Neste e em muitos outros pontos, Comte se aproxima do pensamento de Hume, mas dá-lhe maior firmeza racionalista, como vimos linhas acima. Contudo, possuem de comum a afirmativa básica, de que todo o conhecimento humano começa com a experiência, embora ela só não basta para a total apreensão do real. base suffit et suffit toujours à l'établissement de la philosophie positive, comme cette même base a suffi à l'établissement de six sciences particulières. On voit dans quel sens et dans quelle limite la philosophie positive est désormais indépendante du progrès des sciences".

Em apoio da tese cautelosa de Comte quanto ao uso das hipóteses nas ciências: Ch. Renouvier — *Op. cit.* — págs. 395/396. É curioso notar que Bergson — *Essais sur les données immédiates de la conscience* — Paris — ed. de 1932 (a 1ª. é de 1889 — pág. 111) — participava da ojeriza e da crítica de Comte contra o éter luminífero e quanto ao átomo, e chegou a escrever: "Enfin rien de plus problématique que l'existence de l'atome lui-même".

Diga-se a bem verdade: o próprio Meyerson, o maior adversário do positivismo científico, não pôde deixar de lhe reconhecer grande mérito, no papel que desempenhou na luta contra o metafisismo arbitrário e quase místico na ciência — *De l'explication dans les sciences* — Paris — 1927 — págs. 19/20: "La conception à laquelle nous venons de faire allusion porte, on le sait, le nom de *positivisme*, et ce terme, du moins en tant qu'appliqué à la théorie de la science, a un sens tout à fait précis. C'est là, remarquons-le en passant, un très grand mérite d'Auguste Comte que d'avoir su créer, au milieu de conceptions philosophiques, qui sont plutôt, par leur nature, fluides, flexibles, une doctrine nette, à angles arrêtés, quelque chose de rigide que l'on peut véritablement étendre et que l'on peut sans doute briser", mais qui se prête bien moins à être déformé, ou du moins où toute déformation, toute surcharge se découvre aisément."

Não vale a pena citar bibliografia sobre estas limitações impostas por Augusto Comte à ciência, embora bem intencionadas, em nome da humanidade, porque constituem lugar comum em todos os tratados e compêndios, principalmente de seus adversários filosóficos.

(19) D. Hume — *An Enquiry concerning human Understanding* — in *The English Philosophers* — From Bacon to Mill — Editado por Edwin A. Burt — New York — 1939 — págs. 595/596.

Em mais de uma oportunidade, refere-se Comte a Hume elogiosamente. Admite-o mesmo como seu precursor filosófico, e bem mostra estar a par da sua influência na filosofia moderna, quando escreve — *Système...* — Vol. III — pág. 541: "Il tendit (o seu regime enciclopédico das ciências) à modifier le système général de la raison humaine en développant; mieux qu'au moyen âge, l'ascendant du nominalisme sur le réalisme. Un tel triomphe

Há em Comte — e é curioso assinalar — muitas passagens em que éle apela para a *natureza humana*, a *razão humana* e outras expressões análogas, que representam alguma coisa de invariável, de permanente, de constante, que lembram muito de perto o *a priori* kantiano. Mas, embora confessadamente aponte Comte no filósofo de Koenigsberg um precursor seu, distinguem-se, logo de início, quanto à própria natureza do dado objetivo. Para Kant, os fenômenos do mundo objetivo constituem um caos, confuso, inorganizado, absolutamente tumultuoso; são as intuições puras dos sentidos e as categorias da razão pura que lhes dão forma e ordem, transformando o caos em cosmo. Para Comte não se passa assim. Em inúmeras passagens, frisa sempre a organização do mundo objetivo, que se reflete no espírito humano. A ordem já existe também nos fenômenos, daí a sua confusão de leis com os próprios fatos, chamando ele também àqueles de *faits gérains*, já aí elaborados com o auxílio da razão humana.

Por essa sua noção de *ordem externa* e *ordem interna*, existindo a forma no mundo exterior, macrofísico, coloca-se Comte, de certo modo, como precursor da noção de *isomorfismo* da Escola da Gestalt de Berlin (Wertheimer, Köffka e Köhler). Foi exatamente respondendo a uma crítica de Rignano, que Köhler mostrou a oposição da sua noção de *forma* com a concepção kantiana, iniciando mesmo um capítulo com a frase de Goethe: *Was innen ist, ist aussen*. Isto é, o espírito não é uma força organizadora que, de modo misterioso — como destaca Guillaume (20) — por uma ação constitua a *pas le plus décisif* vers l'avènement direct de la saine philosophie jusqu'à l'impulsion de Hume et l'élaboration de Kant".

A pág. 588, refere-se à doutrina de Hume a respeito da causalidade. No *Cours* — Vol. III — pág. 418, nota, diz que os trabalhos de Hume possuem muito mais de psicologia do que os dos ideólogos.

Nesta mesma seção da sua obra, distingue Hume entre *impressions* e *idéas* pelo grau de vivacidade; aquelas são mais vivazes (*lively*) do que estas. E eis em Comte a mesma doutrina, embora Hume não venha citado — *Système...* — Vol. III — pág. 19: "Pour que le subjectif se subordonne pleinement à l'objectif, il ne suffit pas que le fond de nos pensées émane toujours de nos sensations. Il faut encore que les images interieures soient plus faibles que les impressions extérieures qui leur correspondent".

(20) — Sabemos — e já deixamos isso escrito em nota anterior — do perigo de comparações retrogradadas em filosofia, como as chama Bergson. Sabemos também da simplicidade da doutrina de Comte em comparação com a noção de isomorfismo na teoria da *Gestalt*, ponto central de todo o seu edifício gnoseológico.

Nos trabalhos que realizou em 1912 sobre o movimento aparente, que serviram de início para as pesquisas e afirmações definitivas da *Gestalt*, mostrou Wertheimer que o processo cerebral engendrado pelos dois estímulos sucessivos apresenta o mesmo caráter de unidade que o movimento visível. Entre as formas fisiológica e psíquica há uma comunidade de estrutura. A

vidade espontânea e incondicional, fizesse surgir, de um caos de processos fisir lógicos, uma ordem que lhe fôsse completamente estranha.

Até hoje não temos em nenhum autor esta proximidade de Comte com a escola da *Gestalt*, mas — guardadas as devidas reservas de épocas e de objetivos em mira — não se pode negar que as afirmativas de Comte muito se aproximam da noção do *isomorfismo* gestaltista: o espírito humano aprende na percepção, de um só golpe, a mesma ordem, a mesma forma, que já existe no mundo objetivo. Eis um trecho exemplar de Comte: "Notre construction fondamentale de l'ordre universel résulte donc d'un concours nécessaire entre le dehors et le dedans. Les lois réelles, c'est-à-dire les faits généraux, ne sont jamais que des hypothèses assez confirmées par l'observation. Si l'harmonie n'existait nullement hors de nous, notre esprit serait entièrement incapable de former, à se rencontrer dans le monde extérieur, non sendo o espírito nenhum organizador *à priori*, como queria Kant.

Quer dizer a *Gestalt* não traça uma separação entre o psíquico e o somático. Por outro lado, se os processos fisiológicos apresentam tais características de forma e porque refletem o próprio campo organizacional dos fatos físicos. Entre o psicológico e o físico, coloca-se o fisiológico como intermediário.

Por esta sua fórmula — tudo que é externo, é interno — que logo se associa ao *nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu* aristotélico-tomista, é que Wittmann — *Über das Gedächtnis und den Aufbau der Funktion* — 1932 — aproxima o isomorfismo ao realismo aristotélico de Tomás de Aquino e de Alberto o Grande.

Eis um trecho de Comte sobre a ordem externa e a ordem interna — *Catéchisme* — pág. 53: "Cet ordre est à la fois objectif et subjectif; en d'autres termes, il concerne également l'objet et le sujet contem-pleur. Des lois physiques supposent, en effet, des lois logiques, et réciproquement. Si notre entendement ne suivait spontanément aucune règle, il ne pourrait jamais apprécier l'harmonie extérieure. Le monde étant plus simple et plus puissant que l'homme, la régularité de celui-ci serait encore moins conciliable avec le désordre de celui-là. Toute foi positive repose donc sur cette double harmonie entre l'objet et le sujet".

A única aproximação que aqui fazemos entre Comte e a *Gestalt* permanece no terreno da índole a mais geral possível, sem que tenhamos a pretensão, absolutamente ilógica, de querermos dizer que Comte foi um precursor do que nos gestaltistas constitui matéria de pesquisa científica profunda. Mas, como Köhler cita, como epígrafe, uma frase de Goethe, literária, poderia também ter citado uma de Augusto Comte...

Sobre o problema na *Gestalt* e a polémica com Rignano, podem ser vistos: W. Köhler — *The Place of Value in a World of Facts* — New York — 1938 — págs. 185/232; K. Koffka — *Principles of Gestalt Psychology* — New York — 1935 — págs. 62/66, 381/383; P. Guillaume — *La Psychologie de la Forme* — Paris — 1937 — págs. 24/25; David Katz — *Psychologie de la Forme* — trad. de José M. Sacristán — Madrid — 1945 — págs. 59/64; E. Rignano — *Problèmes de Psychologie et de Morale* — Paris — 1928 — págs. 89 e segs.

la concevoir; mais, en aucun cas, elle ne vérifie autant que nous le supposons. Dans cette coopération continue, le monde fournit la matière et l'homme la forme de chaque notion positive" (21).

Assim, em conclusão, que entende Comte por *positivo*? Qual o melhor resumo do seu próprio sistema? Ninguém melhor do que ele apresentou esta síntese, num ensaio que é uma introdução perfeita à sua doutrina, guermos nos referir ao *Discours sur l'esprit positif*, já citado anteriormente.

Diz ele ali que o termo *positivo* oferece nas linguas ocidentais várias accepções distintas. Todas elas convêm à sua filosofia, indicando alternativamente diferentes propriedades características. Assim, ao invés de constituir motivo de aparente ambiguidade, serve antes para mostrar uma admirável condensação de fórmulas a que podem chegar os povos avançados na civilização.

Em primeiro lugar, o termo *positivo* designa o *real*, em oposição ao quântico. Convém plenamente ao novo espírito filosófico, caracterizado pela sua constante consagração às pesquisas verdadeiramente acessíveis à inteligência humana, com exclusão permanentemente dos impenetráveis mistérios do período teológico e metafísico.

Num segundo sentido, muito próximo do anterior, *positivo* indica o contraste entre o *útil* e o ocioso. Lembra, em filosofia, a designação necessária das sãs especulações humanas, em prol da melhora da sua verdadeira condição, individual e coletiva, em vez da vã satisfação de uma estéril curiosidade.

Em terceiro lugar, *positivo* expressa *certeza* em lugar de indecisão. Indica, assim, a aptidão característica da sua filosofia para constituir espontaneamente a harmonia lógica no indivíduo e a comunhão espiritual na espécie inteira, substituindo as dúvidas indefinidas e os debates intermináveis próprios das preocupações metafísicas.

Indica mais ainda a palavra *positivo* a oposição entre o *preciso* e o vago, e entre o *positivo* e o negativo. Finalmente, embora não conste do seu significado vulgar, *positivo* indica ainda a oposição entre o *relativo* e o absoluto. Mas este atributo, ao mesmo tempo científico e lógico, é de tal maneira inerente à natureza fundamental dos conhecimentos reais, que não tardará a se incorporar definitivamente à linguagem filosófica (22).

Vemos, então, em resumo, que a filosofia positiva seria assim a que tivesse por atributos: o *real*, o *útil*, o certo, o *preciso*, o relativo e o próprio *positivo* em oposição ao negativo. Apesar

(21) *Systeme...* — Vol. II — pág. 33.

(22) *Discours...* — págs. 40/44.

de muito citado pelos comentaristas este trecho de Comte, não gostamos dele. Vê-se aí claramente a intenção de pretender enquadrar todas as manifestações da nova filosofia nos significados vulgares da palavra positivo, em prejuizo da própria pureza doutrinária. Ademais, o *Discours*, apesar das opiniões favoráveis que vem recebendo dos historiadores da filosofia, pertence ao terceiro período da vida de Comte, quando predominavam em seu espirito as preocupações pragmáticas, utilitárias, immediatistas, de criador de religião. Não há dúvida que a adjectivação por ele próprio apresentada se coaduna com o seu sistema, mas caricaturando-o em parte.

Vale um exemplo. Uma das melhores páginas de Comte, das mais agudas e sagazes, que ainda hoje apresentam o mesmo valor de atualidade, versa exatamente sobre a diferença entre teoria e prática, entre conhecimento e ação, entre verdadeiro e útil. Mostra ele aí a necessidade de uma teoria pura e desinteressada para o êxito de uma ação eficaz. Nem sempre a especulação científica tem em vista a applicação immediata dos seus esforços, e muitas vezes somente séculos depois é que se vão auferir os resultados longínquos de tais concepções.

Eis a página em questão: "J'ai cru devoir signaler expressément dans toute la considération qui se reproduira fréquemment dans toute la suite de ce cours, afin d'indiquer la nécessité de se prémunir contre la trop grande influence des habitudes actuelles, qui tendent à empêcher qu'on se forme des idées justes et nobles de l'importance et de la destination des sciences. Si la puissance prépondérante de notre organisation ne corrigeait, même involontairement, dans l'esprit des savants, ce qu'il y a sous ce rapport d'incomplet et d'étroit dans la tendance générale de notre époque, l'intelligence humaine, réduite à ne s'occuper que des recherches susceptibles d'une utilité pratique immédiate, se trouverait par cela seul, comme l'a très justement remarqué Condorcet, tout à fait arrêtée dans ses progrès, même à l'égard de ces applications auxquelles on aurait imprudemment sacrifié les travaux purement spéculatifs: car les applications les plus importantes dérivent constamment de théories formées dans une simple intention scientifique, et qui souvent ont été cultivées pendant plusieurs siècles sans produire aucun résultat pratique. On en peut citer un exemple bien remarquable dans les belles spéculations des géomètres grecs sur les sections coniques, qui, après une longue suite de générations, ont servi, en déterminant la rénovation de l'astronomie, à conduire finalement l'art de la navigation au degré de perfectionnement qu'il a atteint dans ces derniers temps, et auquel il ne serait jamais parvenu sans les travaux si purement théoriques d'Ar-

chimède et d'Apollonius; tellement que Condorcet a pu dire avec raison à cet égard: "Le matelot, qu'une exacte observation de la longitude préserve du naufrage, doit la vie à une théorie conçue, deux mille ans auparavant, par des hommes de génie qui avaient en vue de simples spéculations géométriques" (23).

Depois deste trabalho puramente teórico, como diz o próprio Comte, depois de haver concebido o mundo cientificamente, compreendendo, *in abstracto*, as relações constantes que o regem, aí é que o homem pode agir, moldando o mundo à sua razão. Primeiro a teoria, completa, desinteressada, abstrata; depois é que vem a prática, a ação, a utilidade da primeira.

Quando estuda as bases da sua classificação das ciências — matemática, astronomia, física, química, biologia e sociologia —, mostra Augusto Comte que esta ordem pode ser constituída de duas maneiras diversas, dogmática e historicamente. A ordem histórica é aquela em que essas diferentes ciências foram alcançando o seu estado de positividade. Quer dizer, o espírito humano não é estudado somente sob o ponto de vista biológico, individual ou da espécie, e sim também dinamicamente, socialmente, desenvolvendo-

(23) *Cours...* — Vol. I — pág. 36.

Na página anterior, havia escrito Comte: "Quels que soient les immenses services rendus à l'industrie par les théories scientifiques, quoique, suivant l'énergique expression de Bacon, la puissance soit nécessairement proportionnée à la connaissance, nous ne devons pas oublier que les sciences ont, avant tout, une destination plus directe et plus élevée, celle de satisfaire au besoin fondamental qu'éprouve notre intelligence de connaître les lois des phénomènes".

Neste capítulo de seu livro fundamental, traçou Comte, com mão de mestre, as justas relações entre o conhecimento e a ação, a teoria e a arte. Diz ele que seria formar das ciências uma idéia bem imperfeita admiti-las unicamente como as bases das artes. O seu *Cours* nada mais seria do que um estudo verdadeiramente racional de filosofia positiva, isto é, um sistema teórico. Entre a teoria e a prática, ou a arte, coloca-se a técnica (os *engenhieurs*, como elle chamava aos técnicos), classe intermediária, cuja missão especial é de organizar as relações entre a teoria e a prática.

No terceiro período de sua vida, em pleno trabalho de politico ou chefe religioso, é que Augusto Comte passou a dar maior preponderância à utilidade dos conhecimentos. Aqui, o seu critério de julgamento era a humanidade. Eis um trecho característico *Système*. — Vol. I — pág. 36: "Tout univers doit être étudié, non pour lui-même, mais pour l'homme, ou plutôt pour l'humanité. Tout autre dessein serait, au fond, aussi peu rationnel que peu moral".

Convenhamos que é uma frase de efeito, como as muitas que sabia fazer Comte. E ainda agora recentemente, Albert Einstein, o exemplar típico do homem de ciência, dizia mais ou menos a mesma coisa — *aphid* Robert S. Lynd — *Knowledge for what?* — Princeton — 1948 — pág. 114: "Concern for man himself and his fate must always form the chief interest of all technical endeavors... Never forget this in the midst of your diagrams and equations".

do-se através das idades ou épocas colectivas da humanidade. Ao lado do homem animal, é preciso levar-se em conta também o homem espirito, e este é muito mais social do que biológico. O mundo da natureza completa-se com o mundo histórico. A teoria do conhecimento completa-se com a sociologia do conhecimento. E era esta também, de resto, a preocupação de outro grande contemporâneo de Comte, que com êle mantém muita coisa em comum, embora sem terem chegado a se conhecer reciprocamente. E, com estas idéias, antecipou-se Comte, de muito, à obra de Dilthey sobre a *crítica histórica da razão*, mostrando que o espirito humano não é algo de fixo e inmutável, sempre com as mesmas categorias, como pensava Kant (24).

Criticando os psicólogos da sua época, segundo sua opinião, ainda no estado metafísico da ciência que estuda as funções intellectuais e sentimentais do homem, pregava Comte o estudo do espirito humano através do método comparativo das diferentes épocas. Desta forma, passava a sociologia a ser a verdadeira ciência do entendimento, porque o estudo, estático ou dinâmico, do espirito humano compreende tanto o exercício da razão prática como o desenvolvimento da razão teórica. As modificações suces-

(24) Veja-se esta crítica de Comte a Kant, absolutamente correta, neste sentido de que a teoria do conhecimento deve ser completada por uma sociologia do conhecimento — *Systeme...* — Vol. III — pág. 588; para que a *Crítica da Razão Pura* se tornasse decisiva e perfeita seria necessário que estivesse fundada a ciência social.

Para Comte as categorias da razão não são estáticas, no indivíduo, e sim dinâmicas, ao longo da evolução mental da própria humanidade. O espirito humano deve ser estudado como um todo coletivo, completando-se a sua teoria do conhecimento com uma história da razão universal. A sociologia é o coramento de todas as demais ciências particulares, que explica as suas próprias formas de conhecimento. Talvez Comte dissesse a frase de Fomilée: a sociedade pensa no indivíduo.

Há autores até que apresentam a lei dos três estados como a teoria do conhecimento de Comte. E o que faz A. Messer, por exemplo: "Teoria del conocimiento en Comte. — El conocimiento humano se desarrolla, según Comte, en tres estados..."

Além do elemento social, coletivo, em sentido estático, completava-o Comte com esta noção de desenvolvimento histórico. Logo no início do *Cours*, escreveu êle que para explicar convenientemente a verdadeira natureza e o caráter próprio da filosofia positiva, era indispensável traçar uma visão panorâmica do caminho progressivo do espirito humano, encerrado em seu conjunto; "car une conception quelconque ne peut être bien connue que par son histoire".

Mostra Windelband — *Op. cit.* — págs. 624/625 — que desde o início do século XIX, devido ao dualismo kantiano, ciências da natureza e ciências do espirito, fez-se sentir violenta a luta entre a concepção científico-natural do mundo e a concepção histórica do espirito humano. E ninguém foi mais representativo dessa conciliação do que Augusto Comte.

sivas do regime mental, diz Comte, somente podem ser compreendidas pela sociologia, que passa a ser uma ciência do espirito na sua maior parte (25).

Neste particular, embora dando uma base naturalista à sua concepção histórica do espirito humano, não se pode negar que Comte foi, juntamente com os criadores da filosofia da história, um precursor das modernas concepções do mundo histórico ao lado do mundo natural. Comte opunha nitidamente a humanidade à animalidade, como costumava dizer. É conhecida a sua fórmula "il ne faut pas définir l'humanité par l'homme, mais, au contraire, l'homme par l'humanité", pela qual se vê que o estudo meramente isolado do indivíduo, biológico ou social, não basta para a compreensão da sua vida mental. Por outro lado, o estudo das *gerações* vem mostrar que o homem é mais um animal cultural do que propriamente natural, já que a cultura, acumulada através dos anos e dos séculos, vem se tornar de certa maneira o verdadeiro mundo circundante do homem, através do qual êle domina e compreende a natureza.

Entendida desta forma a filosofia de Comte, ela não é puramente *naturalista*, como a classifica Dilthey dentro dos seus tipos básicos de *Welthanschauung*. Tem muito também de idealista e de idealista da liberdade, à maneira de Hegel, já que o homem através do conhecimento das leis naturais pode agir sobre a natureza, sobre si próprio e o seu meio cultural. Quanto mais conhece, mais o homem se torna livre do fatalismo cego, por isso que o trans-forma no determinismo, absolutamente anti-fatalista, capaz de ser modificado, pelo menos em seus efeitos secundários, além de compreendido e evitado naquilo em que não puder ser modificado. Dai a sua célebre fórmula: conhecer para prever, a fim de prover (26).

* * *

(25) Esta, a tese central da filosofia comteana, que a faz precursora da sociologia do conhecimento. Na segunda lição do *Cours*, estudando as ciências dogmática e historicamente, escreve o filósofo que nenhuma ciência pode ser estudada, em seu desenvolvimento, isoladamente e que somente com o estudo dos fenômenos sociais, tratando do desenvolvimento geral da humanidade, cuja história das ciências constitui a parte mais importante, é que se pode compreender o conjunto do espirito humano, em suas concepções e em sua atividade.

(26) Desde cedo notou-se sempre um grande parentesco entre os sistemas filosóficos de Hegel e de Comte. Este último mesmo pôra o primeiro a notar, quando do resumo, que lhe mandara D'Eichthal de Berlim, sobre a obra de Hegel. Sem compreender bem o valor e o vulto impressionante do pensador germânico, escreveu Comte ao seu amigo que Hegel era bem o

Foi imensa a influência da filosofia de Augusto Comte, que penetrou em todos os espíritos, obrigando-os a refletir sobre problemas que lhes tinham passado despercebidos. Nem todos, é claro, tornaram-se adeptos de suas idéias, mas foram obrigados a reagir enérgicamente com argumentos poderosos, nem sempre lógicos ou desapaixonados. A verdade é que muitas das idéias de

tipo ideal para aceitar as funções de seu representante na Alemanha, a fim de propagar as suas doutrinas...

Antes de Hegel, já muita tinta se gastou nas possíveis relações de Comte com Schelling. Transcreve Robert Flint — *La Philosophie de l'Histoire en France* — trad. de Ludovic Carraud — Paris — 1878 — pág. 317 — mais de meia página de Morrell, escritor inglês, na qual se pretende provar a inspiração direta de Comte na filosofia de Schelling. Acha aquele escritor inglês, com aprovação posterior do professor Ferrier e do Dr. Strling, que a fonte comtiana é a metafísica schellingiana. Responde-lhe, de logo, Flint que, cotado de Comte, talvez nunca tenha posto os olhos sobre uma página do pensador alemão. E, realmente, trata-se de concepções bem diferentes, embora ambos cuidassem de filosofia e de ciência...

Quanto a Hegel, porém, é o próprio Flint que reconhece muitos pontos de contato, embora sem influência recíproca. Quando Comte travou conhecimento com algumas idéias hegelianas, em 1824, mal resumidas por D'Eichal, já o seu sistema se encontrava completamente elaborado desde alguns anos antes. Cita Flint algumas opiniões de adversários do positivismo (Dr. Stirling, Talloch) que viam resta doutrina verdadeiros empréstimos hegelianos. Os dois se desconheceram completamente. O que apresentam de comum nada mais é do que noção geral, que pertencia ao próprio espírito do tempo. Com o influxo vencedor das ciências naturais, é natural que ambos se preocupassem com as relações que devem manter com a filosofia. Também depois da Revolução Francesa, voltavam-se todos para uma concepção histórica do homem. Mas a verdade é a que escreveu Flint: Comte sempre foi francês em suas idéias e em suas fontes imediatas, ignorando quase todo o movimento filosófico estrangeiro. E completa, com o que concordamos: "J'ajoute que les coïncidences qui ont pu être signalées entre les vues de Comte et celles de Hegel sont de telle nature, qu'il fassent-elles cinquante fois plus nombreuses, elles ne prouveraient en aucune manière que les unes sont des emprunts faits aux autres."

Em *De l'Érphication dans les Sciences*, dedica Emile Meyerson todo o cap. XIII às relações entre Hegel e Comte, e já à pág. 8 do prefácio havia declarado que as duas concepções possuem talvez mais pontos de contato como até então não havia sido admitido geralmente. Mostra Meyerson que ambos demonstraram o mesmo estado de espírito diante da desorganização social do seu tempo e procuraram, através de uma política baseada na ciência, trazer remédio à situação. Admitiram também a ciência como um estudo empírico dos fenômenos, somente voltada para os problemas experimentais, com um mínimo de racionalidade. Segundo Meyerson, Kuno Fischer admitia-os como antítese um do outro.

Jean Wahl, no livro citado (págs. 136/7), diz também que seria interessante comparar, pelo menos até um certo ponto, Comte e Hegel, ambos vendo o espírito humano caminhar em três tempos, ambos filósofos da sociedade e filósofos da síntese, ambos afirmando que a Idéia ou as idéias

Comte chegaram a se confundir com a época, perdendo a sua autoria expressa e tornando-se patrimônio da própria ciência. Muitas de suas frases transformaram-se em *slogans* filosóficos, citados a cada passo mesmo pelos seus adversários. Talvez pretendendo diminuí-lo, fez-lhe Max Scheler o maior elogio possível ao declarar que o positivismo de Augusto Comte não é uma filosofia e conduzem o mundo, ambos pensando ter chegado ao término da evolução da humanidade: os seus sistemas.

Em nota, aproveitava Wahl os estudos de Bréhier, em sua *História da Filosofia* e aprofunda mais a comparação entre os dois. E escreve: "Comte e Hegel luttent tous deux contre les abstractions de l'individualisme. L'un l'autre, à la suite de Saint-Simon, contre ce qu'il trouve de dissolvant dans les idées du XVIII^e siècle français. Et ainsi nous voyons se révéler plus clairement que jamais cette loi d'alternance qui serait sans doute la seule à laquelle M. Bréhier reconnaîtrait une valeur pour l'ordre de la succession des systèmes, et qui est peut-être l'essence de toute réflexion. Mais ces deux traits, — cette opposition à l'individualisme et ce mode triadique de pensée, — se rattachent à une idée ou plutôt à une situation plus profonde: tous deux ont eu conscience ou cru avoir conscience d'être à l'avant dernière période de l'histoire, et d'être les introducteurs et les instituteurs de la dernière: religion absolue et philosophie absolue pour un, philosophie positive et religion de l'humanité pour l'autre. Ils accordent à l'instant de l'histoire où ils se trouvent une place privilégiée, parce qu'il est, grâce à eux, l'instant de l'avènement du vrai."

Os nomes dos dois filósofos aparecem unidos em quase todos os tratados de história da filosofia. Não porque lhes achem semelhança, e sim porque os admitem como os dois maiores representantes de sistemas filosóficos fechados do século XIX. Wundt, por exemplo, é desta opinião, embora os trate diferentemente, sem apontar qualquer aproximação entre eles — *Op. cit.*, — pág. 168: "Las dos manifestaciones más notables del siglo pasado, que à pesar de las faltas à ellas inherentes, encierran en sí importantes gérmenes de desenvolvimiento, son la filosofía del espíritu de Hegel de una parte, y el positivismo de otra."

Dilthey os aproxima — *Psicologia*, cit. — pág. 190 — como representativos ambos, juntamente com Carlyle na Inglaterra, de uma concepção da filosofia como uma força capaz de determinar a ação e o pensamento humanos.

Bréhier — *Op. cit.* — pág. 576 — também os aproximou na concepção da história, que se torna uma ciência, uma fonte de energia mais do que uma simples curiosidade. Daí haverem ambos afastado da história todos os acontecimentos que não se integram na linha de desenvolvimento tal como a concebem, por exemplo, a pré-história ou os impérios do Extremo Oriente.

Em resumo, achamos que Hegel apresenta muita coisa de comum com Comte: a) concepção dialética tripartida da história; b) linha evolutiva da humanidade para um objetivo final determinado; c) idealistas na determinação principal dessa evolução (Idéia ou idéias); d) emprego da ciência ou da filosofia para a realização desse *desideratum*; e) concepção histórico-social do conhecimento, um conhecimento histórico ao lado do conhecimento natural, embora Hegel ficasse com as ciências do espírito, e Comte com as da natureza; f) redução da filosofia à categoria de ciência.

Aliás, este último ponto não vem tratado por nenhum dos comparatistas acima referidos. Desde quando lemos pela primeira vez a *Fenomenologia do*

sim, tão somente, uma ideologia específica da Europa ocidental durante o século passado (27).

No início do seu livro sobre o filósofo, também cita Marvin uma curiosa dúvida de um professor universitário inglês, que indagava se Comte devia ser incluído entre os filósofos. É claro que o eminente professor de Oxford assim procedia, por achá-lo maior como sociólogo do que propriamente como filósofo, *stricto sensu*. Enganou-se, porém. Segundo Marvin, nenhum pensador contemporâneo apresenta maior bibliografia a seu respeito, nem foi alvo de tamanhos debates a respeito de suas idéias. É somente dois — Hegel e Spencer — procuraram realizar uma síntese enciclopédica do saber humano semelhante à sua. Ademais, deve merecer sempre um estudo acurado alguém que tenha provocado tão apaixonadas ondas de adesão e de ojeriza no mundo inteiro. É sinal que o seu sistema traz em seu bôjo alguma coisa de novo e de renovador (28).

A verdade é que as idéias de Comte — referimo-nos exclusivamente ao lado teórico e sistemático de sua doutrina — como as de Descartes e de Kant, representam um marco decisivo na história da filosofia. Instituiu êle uma corrente — a da filosofia das ciências, — que encontrou na própria França o seu maior desenvolvimento. Embora no início, percebeu Comte agudamente o perigo da especialização exagerada, do isolamento das pesquisas exaustivas, e, concorde-se ou não com a solução proposta, a verdade é que sentiu a necessidade urgente de uma meditação filosófica, mais ampla e livre, em tórnio dos fundamentos e dos resultados das próprias ciências.

Espírito de Hegel, nos impressionamos com o rigorismo com que tratava a filosofia em confronto com os métodos e o espírito da ciência. E anotamos uma frase sua, em meio de outras análogas, que poderia trazer por baixo a assinatura de Augusto Comte (como se sabe o livro é de 1807). Eila: "The systematic development of truth in scientific form can alone be the true shape in which truth exists. To help to bring philosophy nearer to the form of science — that goal where it can lay aside the name of *love of knowledge* and be actual *knowledge* — that is what I have set before me".

Um positivista não o diria melhor.

Mostramos no estudo dos *Opusculas* que Comte aplicou, sem o saber, a dialética hegeliana nos seus estudos de história.

(27) M. Schelet — *Op. cit.* — pág. 67.

(28) Marvin — *Op. cit.* — págs. 1/2. As págs. 6/7, responde Marvin ao professor de Oxford porque considera Comte um grande filósofo: "Si la filosofía ha de conservar su antiguo significado, mas aún, si debemos considerar a la filosofía como un elemento conciliador de la dispersión mental que ha aumentado gravemente desde la época de Comte hasta nuestro siglo, deberemos reconocer en su síntesis un intento, que hizo época, para poner

Iniciando a introdução de uma seleção de trechos de filósofos franceses sobre a ciência, escreve René Poirier: "On a quelque peine à choisir, entre les philosophes contemporains, ceux qui sont proprement scientifiques, car toute philosophie sérieuse, de nos jours, se fonde, au moins partiellement, sur une interprétation de la science". "Non qu'il soit entièrement nouveau: A. Comte, Ampère, Cournot, Renouvier, mathématiciens d'origine, achèvent eux-mêmes la tradition de Descartes et de d'Alambert".

Mostra, então, Poirier a importância do positivismo para este movimento da volta ao real do fim do século XIX na filosofia francesa, critica-o pelas suas limitações dogmáticas, e conclui: "Non qu'on n'y trouve les éléments d'une doctrine profonde: c'est de lui que procédè, en un sens, l'effort contemporain pour fonder sur l'histoire des sciences une philosophie de la raison" (29).

E poucos assuntos ocupam mais centralmente o pensamento filosófico contemporâneo do que o das relações da filosofia com as ciências. As soluções podem variar, pela maior ou menor intromissão da metafísica no domínio propriamente científico; pela maior ou menor liberdade no uso das hipóteses ou da imaginação nas pesquisas das chamadas ciências exatas, mas a verdade é que a preocupação é sempre a mesma: os limites do conhecimento científico, as possibilidades da ciência na apreensão do real, a validade dos seus métodos, e assim por diante. E dificilmente encontraremos outro país em que o movimento fosse tão intenso sobre assunto como na França. Basta lembrar as obras de Renouvier, Lachelier, Cournot, Duhem, Tannery, Meyerson, Rey, Milhaud, Weber, Le Roy, Poincaré, Gabolot, Couturat, Duhamel, Rougier, Lalande, Brunschwig, Rosny aîné, além de Émile Boutroux, de certo modo o iniciador deste movimento, como lembra ainda Poirier, *fin* a esa dispersión. Cualquiera que sea nuestra opinión acerca de su éxito, fué un esfuerzo filosófico sumamente elevado y amplio.

Em segundo lugar, em qualquer estado de uma gran figura, de um importante movimento o teoria, lo primero, y lo esencial, es comprender su valor. Si la teoría de Comte no tuviera valor alguno, no habría impresionado, como lo hizo, la imaginación de los hombres, ni hubiera tenido tantos adversarios como partidarios".

(29) *Philosophes et Savants Français du XIXe. Siècle* — *Extraits et Notices* — Vol. II — *La Philosophie de la Science* — Paris — 1926 — pág. VIII.

Tão grande é a influência de Comte sobre os diferentes filósofos das ciências que Poirier, entre os possíveis critérios de classificação, resolveu escolher um orden geral e objetivo, que servisse de comparação geral entre todos: o do positivismo decrescente e o da metafísica crescente (pág. XXIV). V. ainda pág. 57, Milhaud e Comte, cuja crítica da ciência constituiria um "quarto estado" entrevisto por Comte; e pág. 173 sobre Louis Weber e seu positivismo absoluto.

xando, como ponto de referência extremo, a data de 1893, com a fundação da *Revue de métaphysique et de morale*, para realizar o trabalho comum dos cientistas e dos filósofos. E já vimos, em notas anteriores, a coincidência de muitos pontos do pensamento de Boutroux com o de Comte (30).

O maior adversário do pensamento positivista na filosofia das ciências foi Meyerson. Atracou, preferentemente, as limitações arbitrárias de Comte às hipóteses científicas, fazendo disso o principal motivo para o abandono do positivismo. Mostrou a necessidade do livre emprego da imaginação e da metafísica nos trabalhos da ciência, sem o que os seus quadros se tornariam rígidos e muito limitadas as suas possibilidades.

Mas, como hoje está demonstrado pelas críticas que igualmente sofreu Meyerson, tratava-se de um pensador que também deixava apresentar a sua fórmula rígida para a solução dos problemas epistemológicos. O seu conceito de razão é demasiado ri-

(30) E. Boutroux sempre foi um espírito voltado simpaticamente para a compreensão de Comte, porque bem sabia ele que, seja qual for o conteúdo de um sistema filosófico, desde que profundo e coerente, deve merecer um estudo acurado e de boa fé, e não um desdém apriorístico, cheio de pre-conceitos.

Em *Science et religion dans la philosophie contemporaine*, o primeiro sistema filosófico estudado é o de Augusto Comte, sem *paritipis* de espécie alguma. A doutrina é bem exposta e criticada com elevação.

Em *La Nature et l'Esprit*, reunião de conferências, o nome de Comte aparece citado, sempre com carinho e às vezes com concordância, sete vezes. Embora não admita a sua doutrina das relações da filosofia com a ciência, escreve a respeito: "A la question ainsi posée une réponse a été donnée par Auguste Comte, qui, aujourd'hui encore, paraît à beaucoup satisfaisante".

Mas o que os aproxima extraordinariamente é a concepção de Boutroux sobre a contingência das leis da natureza. Em seu livro *De la Contingence des Lois de la Nature* — 8ª ed. — Paris — 1915 — admite Boutroux a mesma tese de Comte da irreducibilidade dos fatos ou das leis de uma ciência aos de outra, entre uma e outra forma-se um hiato, que interrompe a unidade do determinismo universal, criando assim uma contingência nas leis da natureza. Escreve ele (pág. 132): "On peut distinguer dans l'univers plusieurs mondes, qui forment comme des étages superposés les uns aux autres. Ce sont au-dessus du monde de la pure nécessité, de la quantité sans qualité, que est identique au néant, le monde des causes, le monde des notions, de monde mathématique, le monde physique, le monde vivant, et enfin le monde supérieur; et les choses vont ainsi se diversifiant et se multipliant, pour aboutir à la forme hiérarchique, qui donne à l'ensemble toute la puissance et toute la beauté qu'il comporte".

A semelhança entre as concepções de Comte e de Boutroux já foi notada por vários autores. Jean Wahl a aponta (pág. 129), assim como A. Mamelet — *L'Idée Positive de la Moralité* — Paris — 1929 — pág. 35 e também Paul Mouy — *Logique* — Paris — 1944 — pág. 59, entre outros. Ainda sobre a irreducibilidade e especificidade das ciências — Emile Boutroux — *De l'Idée de Loi Naturelle* — Nova ed. — Paris — 1950 — págs. 10/11.

gido e seco. Mas, em verdade, como lembra Masson-Oursel o próprio Comte, que, como vimos, era também racionalista, preparou e foi precursor do pensamento de Meyerson, que o completou, quebrando as barreiras do seu dogmatismo, a certos respeito. (31).

Mas, como não podia deixar de ser, cansou-se também a ciência do excesso de metafísica em seus domínios, dando causa ao surgimento de uma corrente, a do chamado positivismo lógico ou empirismo lógico, que se constituiu principalmente em torno do denominado *Wiener Kreis* (Círculo de Viena), adotando o mais absoluto empirismo, prendendo-se direta e imediatamente à própria experiência, sem um mínimo de metafísica em suas fileiras. Não vamos discutir se isso já não constituiu uma tomada de partido que implica uma atitude metafísica, uma concepção do mundo e da vida *a priori*, como já foi dito por algum crítico. Limitámo-nos a lembrar que um dos lados de Comte, aquele em que vem admitido o conceito de positivo como significando *real*, contra qualquer intrusão de noção metafísica, foi o preferido pelos adeptos desta corrente epistemológica.

Para não perdernos tempo — e este não é o assunto específico da nossa tese — basta citar aqui as palavras de um dos fundadores do movimento a respeito de Augusto Comte: "Je me propose d'appliquer cette méthode critique au courant de pensée désigné généralement sous le nom de "positivisme", depuis Auguste Comte. Il a subi les vicissitudes que je viens de résumer. Je laisserai de côté tout ce qui se rapporte à l'histoire; je ne m'occuperai pas davantage de préciser la notion exacte de positivisme; je m'attacherai exclusivement à régler les désaccords sur quelques principes considérés comme essentiellement positivistes. Par-tisan d'un certain nombre d'entre eux, je regarde la question comme

(31) Masson-Oursel — *Le fait métaphysique* — Paris — 1941 — pág. 83.

A verdadeira diretriz permanente na filosofia das ciências de Meyerson é o fantasma do positivismo. É raro o capítulo de seus livros em que Comte não compareça para ser criticado. Meyerson sempre propugna pelo livre emprego da metafísica ou da filosofia nas pesquisas científicas. Segundo afirma, "le savant ne saurait travailler sans appuyer sa pensée sur un ensemble des suppositions concernant le substrat des phénomènes".

Todos os livros sobre a doutrina de Meyerson abrem um capítulo especial (geralmente, o primeiro) sobre o positivismo, como quem expõe uma doutrina para crítica-la. É verdade que nem sempre — assim como acontece com o próprio Meyerson — a exposição é isenta de preconceitos prejudiciais. V. — A. Metz — *Une Nouvelle Philosophie des Sciences* — *Le Causalisme de M. Emile Meyerson* — Paris — 1928 — págs. 12/23; Henri See — *Science et Philosophie d'après la doctrine de M. Emile Meyerson* — Paris — 1932 — págs. 41/46; M. A. Denti — *Scienza e Filosofia in Meyerson* — Firenze — 1940 — págs. 1/34.

importante; mais il n'est indifférent qu'on les mette ou non au compte du positivisme; ces attributions sont d'ordre tout à fait secondaire.

Il est permis d'appeler positiviste toute attitude consistant à nier la possibilité d'une métaphysique; simple question de définition. Je me déclare positiviste dans ce sens, et même positiviste résolu" (32).

(32) Eis um dos pontos centrais da epistemologia contemporânea. Seja qual for o ponto de vista que se mantenha face ao chamado empirismo ou positivismo lógico, ninguém pode negar a sua importância para a filosofia das ciências de nossos dias. É o movimento mais homogêneo e mais extenso. E nele, como uma das suas fontes possíveis, encontra-se Augusto Comte, como o confessam os seus adeptos. O próprio Moritz Schlick, a quem pertencem as palavras citadas no texto — *Les Éléments Scientifiques et la Réalité du Monde Extérieur* — Paris — 1934 — págs. 17/18 — mostra que a escola filosófica se define pelos princípios sobre os quais apoia sua argumentação. Estes princípios, porém, não permanecem inmutáveis. Sofrem uma evolução no tempo, sua compreensão aumenta ou diminui, pode até acontecer que o seu sentido sofra modificações importantes.

Quis éle referir-se exatamente ao positivismo de Comte, que não poderia ficar estático, parado no tempo, mas cujas teses iniciais foram aproveitadas pelo positivismo lógico.

Charles W. Morris — *Logical Positivism and Scientific Empiricism* — Paris — 1937 — págs. 56 e segs. — divide a história do empirismo ou do positivismo em quatro períodos: grego, medieval, inglês e Augusto Comte, e sobre este escreve: "Auguste Comte may be regarded as the beginning of, or at least a transition to, the fourth or contemporary period of empiricism. The basic feature of contemporary scientific empiricism is its orientation around the methods and results of science, — a science that has not only expanded enormously in scope but which has become increasingly critical in temper. While previous empiricism were largely attacks upon dogmatism, the present forms are characterized by the positive character of their contributions. Lacking the support of a victorious science, earlier empiricisms tended frequently to be driven back to the individualistic or the subjective; contemporary empiricism, resting on science, takes on the cooperative character of the scientific enterprise, and recognizes the social element in knowledge, — as in science, its objectivity is a social objectivity. Accompanying this shift from the individual to the social, is the corresponding shift from an essentially individualistic psychology to an objective psychology, the implication becoming ever clearer that meaning is not only socially conditioned in genesis and in practice, but that potentially every meaning is intersubjective, so that meaning becomes an objective phenomenon to be studied as are all other phenomena. The place of mathematics and system-building in the sciences has led the new empiricism to do justice to and to utilize the formal sciences, while the theory signs, now developed far beyond any previous state by the combined attacks of logicians, linguists, psychopathologists, biologists, and social scientists, makes it possible for the first time to bring formal logic and mathematic within an empirical philosophy".... "The systematic elaboration of most of these point cannot be attributed to Comte, but many of them are natural correlates of his orientation of empiricism around science. One-sided through it sometimes is, Comte's stress upon the category of the social is his most significant contribution to empiricism; if a second choice had to be made it would probably fall upon his interest in a

Neste mesmo sentido — embora a sua concepção do mundo seja inteiramente diferente da de Augusto Comte — declarava-se também Edmund Husserl, (33) fundador da fenomenologia, positivista absoluto (é claro que só quanto ao primeiro contato dos sentidos com o mundo exterior, porque o sistema husserliano é inteiramente lógico, chegando êle à noção de uma consciência pura, lógica, com abandono absoluto do psicologismo; e Comte nunca foi além de uma teoria do conhecimento puramente psicológica). Escreve êle: "Sagt "Positivismus" soviel wie absolut vorurteilsfreie Gründung aller Wissenschaften auf das Positive", d. i. originär zu Erfassende, dann sind wir die echten Positivisten".

Não quisemos, de propósito, falar na influência de Comte sobre Spencer, Stuart Mill, Buckle, Taine, Ribot, Renan e outros pensadores dos meados e segunda parte do século XIX, por se tratar de assunto por demais explorado. Mas, não vem fora de propósito lembrar o folheto que escreveu Spencer, procurando levantar-se da adjectivação que lhe davam de positivista ou de continuador de Comte, ou, pelo menos, de grandemente influenciado pelo pensamento do filósofo francês. Alias, apesar de tudo fazer para mostrar a sua independência de orientação, não pôde Spencer deixar de reconhecer o alto valor intelectual do autor do *Curso de Filosofia Positiva*: "Au lieu d'une conception obscure et vague, Comte a présenté au monde une conception claire et nettement définie. En réalisant cette conception, il a montré une largeur de vue remarquable, une grande originalité, un génie d'invention im-positivistic philosophy of history. The movement inaugurated by Comte finds a complement in America pragmatism, which (with the partial exception of Peirce) has primarily investigated the psychological, biological, and social functions of the symbolic process, factors commonly neglected in semiotic".

Aqui poderiam crescer as citações sobre a importância de Augusto Comte para o movimento do chamado positivismo lógico. Willem Frederik Zuurdeeg — *A Research for the Consequences of the Vienna Circle Philosophy for Ethics* — Utrecht — s./d. — demora-se muito sobre o assunto, págs. 7 e segs. Além dos livros básicos, e já hoje clássicos de Carnap, Wittgenstein, Frank, etc., podem ser vistos sobre o assunto (de Augusto Comte, precursor do empirismo lógico): Herbert Feigl — *Logical Empiricism* — in *Twentieth Century Philosophy* — Edited by Dagobert D. Runes — New York — 1943 — págs. 373/375; Jose Ferrater Mora — *Diccionario de Filosofia* — México — 1941 — págs. 429/430. Para conhecimento das teses principais do positivismo lógico: Felix Kaufmann — *Quelques problèmes fondamentaux du positivisme logique* — in *L'Activité Philosophique Contemporaine en France et aux États-Unis* — Vol. I — Paris — 1950 — págs. 243/270.

(33) Ed. Husserl — *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie* — Halle — 1913 — pag. 38. V. todo o § 20 — *Der Empirismus als Skeptizismus*.

Neste capítulo, combate Husserl o empirismo, que confunde toda a ciência empírica com a ciência meramente empírica, e mostra que a experiência empírica permanece no *hic et nunc*, caindo assim em verdadeiro

mense, et une puissance de généralisation extraordinaire. Considéré en lui-même, son système de philosophie positive, vrai ou faux, est un monument aux proportions gigantesques" (34).

Mas, na sua própria classificação das ciências, estava patente a influência de Comte, como no restante do seu sistema filosófico, como o demonstrou Stuart Mill (35). Hoje, então, vistos à distância os dois sistemas, um chega a parecer simples continuação do outro, com o predomínio no segundo da noção de evolução, à

— ceticismo. Ao invés da experiência, oferece Husserl a intuição direta, anterior por assim dizer a qualquer experiência. De qualquer modo é numa noção, embora ideal de positivismo, que Husserl se apoia; ainda que a tímica aceitável, no seu modo de ver, seja a sua.

Adiante, volta Husserl a falar em positivismo, para chamar a atenção para que não se confunda a sua *époche* (redução fenomenológica) com a atitude científica do positivismo, quando prega a experiência e contato com o mundo exterior sem preconceito de espécie alguma. A sua *époche* consiste em colocar entre parenteses, deixar de lado o mundo natural e todas as questões com ele relacionadas. E de redução a redução, cada vez mais abstrata e pura (lógica e não psicológica), chega-se às essências puras, daí o nome de *positivismo das essências*.

Sobre isso: Joaquim Xirani — *La Filosofía de Husserl* — Buenos Aires — págs. 18/26; E. Levinas — *La Théorie de l'Intuition dans la Phénoménologie de Husserl* — Paris — 1930 — págs. 209 e segs.; G. Gurwitsch — *Las tendencias actuales de la filosofía alemana* — trad. de Francisco Almela y Vives — Madrid — 1931 — págs. 28/29, 41/44.

Sobre Husserl, em geral: V. Delbos — *Husserl* — *Sa critique du Psychologisme et sa conception d'une Logique Pure* — Paris — 1912 — págs. 25/42 e o livro editado pelo chefe da escola fenomenológica na América, Marvin Farber — *Philosophical Essays in Memory of Edmund Husserl* — Cambridge — 1940, passim.

(34) H. Spencer — *Classification des Sciences* — 11ª ed. — Paris — 1930 — pág. 101.

(35) São tantos os pontos de contato entre Spencer e Comte, que até se torna absolutamente desnecessário perder tempo com comparações expressas. Spencer é Comte mais Darwin. Até a classificação de seus tipos sociais já se encontrava em Comte, como mostraremos adiante.

No seu livro sobre Comte, escreveu Stuart Mill, com toda a razão — *Auguste Comte et le Positivisme* — trad. de G. Clemencau — Paris — 1868 — pág. 6: "M. Herbert Spencer, dans une brochure récente a fait en partie cette dernière distinction (entre o que pertença à própria época e o que era exclusivamente de Comte) pour revendiquer l'indépendance de sa propre pensée; mais cela ne diminue pas l'utilité qu'il y aurait à la reprendre ici, dans un dessin moins restreint; en particulier, pour cette raison que M. Spencer rejette presque, tout ce qui appartient proprement à M. Comte, et que dans son mode abrégé d'exposition, il ne rend qu'une justice étroite tout ce qu'il rejette".

E tão grande era a influência do sistema de Comte na Europa, que crescia diante de todos como uma barreira intransponível ou uma encheite avassaladora, que Stuart Mill — homem acostumado a grandes idéias e lido em muitas filosofias — viu-se obrigado a escrever: "Le temps semble donc venu où chaque philosophe, non seulement doit se former une opinion sur ce mouvement intellectuel, mais encore la peut utilement

maneira darwinista. É que a obra de Darwin apareceu em 1859, quando Comte não mais existia.

Quanto à classificação das ciências de Comte, vêmo-la também servir de padrão para a proposta por Goblot e ainda hoje, em livro aparecido depois da segunda guerra mundial, vem ela como base, com pequenas modificações, admitida por Paul Mouy (36).

Já Félix Ravaisson, em monografia especial sobre a filosofia francesa no século XIX, havia percebido o valor e a importância da obra de Comte no pensamento moderno. O estudo do seu sistema é o dominante em todo o livro, em si mesmo e em suas consequências. Expondo a irreducibilidade uma ciência superior a outra inferior, segundo a concepção de Comte, que denomina a tal processo de materialismo, já que se procura entender o mais elevado pelo menos elevado ou por sua matéria, exclama, por fim Ravaisson: "Profonde formule, qui restera pour son auteur un des principaux titres au non de philosophe" (37).

— exprimir: seforçant de comprendre ce que c'est; si, de son essence, c'est un mouvement salutaire; et dans ce cas, ce qu'on doit perdre ou laisser, de la direction que lui ont donnée ses moteurs les plus importants".

(36) Ed. Goblot admite o mesmo conceito de filosofia que Augusto Comte, em relação às ciências particulares — *Le Système des Sciences* — 2a. ed. — Paris — 1930 — pág. 213: "Ainsi la philosophie a donné naissance à toutes les sciences; elle les a nourries dans son sein jusqu'à leur émancipation naturelle. Elle n'est elle-même qu'un résidu. C'est la partie de la connaissance humaine qui n'a pas encore réussi à revêtir les caractères et à prendre la valeur de la science."

E responde à sua própria pergunta — em que consiste este resíduo? — com a opinião de A. Comte. Na classificação de Poitier — decrescente da influência do positivismo — Goblot vem logo em primeiro lugar.

Para Mouy — *Op. cit.* — págs. 55/57.

(37) F. Ravaisson — *La Philosophie en France au XIXe. siècle* — 5a. ed. — Paris — 1904 — pág. 83.

Mostra Ravaisson que Augusto Comte caminhou do mecanicismo para o espiritualismo, para um positivismo espiritual e metafísico, e, se o tempo não lhe houvesse faltado, o leitor assíduo da *Imitação de Jesus Cristo* e dos misticos do XV século, teria chegado fatalmente ao espiritualismo ou ao cristianismo.

É a mesma tese sustentada por Boutroux e também por Henri Bergson, aliás, num ensaio sobre Félix Ravaisson — *La vie et l'oeuvre de Ravaisson* — in *La Pensée*, cit. — págs. 255/256: "Ce qui caractérise la science du XIXe. siècle, l'entreprise nouvelle qu'elle a tentée, c'est l'étude approfondie des êtres vivants. Or, une fois sur ce terrain, on ne peut, si l'on veut, parler encore de pure mécanique; on pense à autre chose."

Ouvrons le premier volume du *Cours de philosophie positive* d'Auguste Comte. Nous y lisons que les phénomènes observables chez les êtres vivants sont de même nature que les faits inorganiques. Huit ans après, dans le second volume, il s'exprime encore de même au sujet des végétaux, mais des végétaux seulement; il met déjà à part la vie animale.

O livro de Ravaisson foi escrito em 1867, daí não ter podido fugir à impressão imediata do monumento construído por Comte, ainda recente e dominador nos principais centros cultos da Europa, mas, já neste século, embora tratando da filosofia contemporânea da França, não constituindo o positivismo motivo central de nenhum capítulo, porque o seu propósito era cuidar somente da filosofia atual em França (1919), não escondendo Parodi a importância das ideias de Comte para a compreensão dos autores atmais. Muitos ainda trazem a impressão de um pensamento tão poderoso, e mesmo os que o atacam ainda o encontram como um corpo vivo ao qual é preciso dar combate. Não se trata de um cadáver na história da filosofia (38).

Em livros recentes, de autores de tendências divergentes, aparece o nome de Comte colocado em seu verdadeiro lugar, pelo que significou de sintético e representativo do seu tempo, pelo seu esforço enciclopédico e sistemático, pela tomada de consciência dos problemas do seu tempo e das novas preocupações que deviam centralizar o pensamento filosófico. Segundo Challave, por exemplo, mesmo fora dos meios ortodoxos a ação do positivismo foi vasta e profunda. Dêle, como do kantismo, pode-se dizer que nenhum filósofo não mais pode pensar sem tomar posição a respeito de suas diferentes teses (39). E em outro local o chama do maior filósofo francês do século XIX (40).

Jean Wahl pôde escrever sobre a importância de Comte para a posição da França perante as outras nações cultas, no que tange

Enfin, dans son dernier volume, c'est la totalité des phénomènes de la vie qu'il isole nettement des faits physiques et chimiques. Plus il considère les manifestations de la vie, plus il tend à établir entre les divers ordres de faits une distinction de rang ou de valeur, et non plus seulement de complication. Or, en suivant cette direction, c'est au spiritualisme qu'on aboutit⁴¹.

(38) D. Parodi — *La Philosophie Contemporaine en France* — Paris — 1919 — As págs. 23/24, mostra ele a influência direta de Comte em Renan, Taine, Claude Bernard, Pasteur, Berthelot; as págs. 59/61, em Abel Rey e André Cresson. As págs. 75/76, aponta o interesse crescente pela história da filosofia francesa, no fim do século XIX, entre outras coisas "par les nombreux ouvrages consacrés à Auguste Comte et au positivisme". A pág. 79, influencia de Comte sobre Piéron. As págs. 115 e segs. sobre Espinas, Lévy-Bruhl, Durkheim e sua escola. A pág. 148, sobre Charles Maurras. A pág. 201 sobre a filosofia das ciências em geral. A pág. 312, sobre Louis Weber. A pág. 395, sobre Goblot. E, finalmente, à pág. 453, dando justo valor a Comte: "Tandis que l'histoire de la philosophie française au cours du XIXe. siècles tenait toute dans les efforts de quelques grands penseurs isolés, Maine de Biran, Auguste Comte, Renouvier, Cournot,..."

(39) F. Challave — *Petite Histoire*, cit. — pág. 243. Influências de Comte, maiores: Stuart Mill, Spencer, Durkheim e Maurras.

(40) F. Challave — *Philosophie Scientifique*, cit. — pág. 20.

às contribuições para o pensamento filosófico universal: "C'est encore une des grandes de la France d'avoir produit ce penseur (Comte) qui, à la différence de Maistre ou de Bonald, à la différence de Burke, pense fonder ses théories conservatrices sur une conception rigoureuse de la science."

Si a France n'a produit ni un Schelling, ni un Hegel, ni sur un autre plan un Spencer, non seulement elle a eu au XVIIIe. siècle ces immenses sommets philosophiques que sont Descartes, Pascal et Malebranche (et sans doute peut-on trouver des analogues de Pascal: un Kierkegaard, et de Melebranche: un Berkeley, mais non pas de Descartes), elle a au XVIIIe. siècle un Diderot, aux XIXe. siècle un Maine de Biran et un Comte, sans parler de Bergson." (41).

E poderíamos aqui entileirar um sem-número de citações sobre a imensa influência de Comte no pensamento moderno. (42)

(41) J. Wahl — *Op. cit.* — pág. 125.

E às págs. 136/138: "L'influence de Comte fut immense: en Angleterre sur J. S. Mill, G. H. Lewes, la romancière George Eliot, sur Herbert Spencer, en France à la fois sur certains réactionnaires et sur la sociologie française, en Amérique Latine sur une foule de disciples. Mais ces noms mêmes suffisent à montrer que cette influence ne s'exerça pas dans un seul sens".... "D'autres, enfin, un peu plus tard, un Lévy-Bruhl, un Belot essayent en partant de la réflexion de Comte, de fonder l'un une science des mœurs, l'autre une morale."

On pourrait concevoir le physicien Mach et les positivistes linguistiques comme les héritiers, au moins en partie, de cette tendance de la philosophie de Comte⁴².

(42) Deixaremos, de propósito, para o fim da tese as opiniões dos sociólogos a respeito das ideias ou da possível atualidade de Comte. Por ora, interessam-nos unicamente os filósofos ou os próprios sociólogos, mas quando falarm de Comte como pensador em geral.

Assim se refere Maxime Deroy ao criador do positivismo — *Op. cit.* — pág. 7: "...Comte, dont le génie remplit l'univers d'une pensée qui aura le même rayonnement universel que celle de Kant."

Pode ser visto o capítulo V. de *La Philosophie Actual*, de A. Messer — trad. esp. de Joaquim Xirau — Madrid — 1930 — págs. 100 e segs. — sobre o positivismo na Alemanha no começo do século XX, onde estuda Dühring, Laas, Avenarius, Schuppe, Schubert-Soldern, Wahlé, Zielien, Cornelius, Bekmike e, sobretudo, Ernst Mach e Hans Vaihinger.

Aloys Milller — *Introduction à la Philosophie* — trad. de José Gaos — Buenos Aires — 1937 — pág. 104: "En el siglo XIX conquistó el positivismo los más anchos círculos y también hoy está de nuevo ampliamente representado".... "Hoy son positivistas los más de los cultivadores de las ciencias naturales que filosofan."

E, entre outros positivistas alemães, aparece também o nome de W. Ostwald. Também o aponta A. Messer — *Filosofia en el siglo XIX*, cit. — pág. 180. Sobre isso, o capítulo especial de Max Weber — *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre* — Tübingen — 1951 — págs. 400/426. Escreve O. H. Prior — *Moroccan Choisis des Penseurs Français* — Paris — 1930 — pág. 382: "Le positivisme de Comte est une réaction

Karl Pearson, professor de matemática e de mecânica na Universidade de Londres, em conhecido livro, até hoje muito consultado sobre teoria geral da ciência, escreveu que esta tem uma dívida de gratidão para com Comte, não certamente por sua obra científica, nem por sua classificação das ciências, e sim porque ensinou que a base de todo conhecimento é a experiência e conseguiu imprimir esta verdade em certo número de pessoas ainda não imbuídas de

contra a metafísica tradicional. II a laissé des traces permanentes sur la pensée et la vie modernes".

O próprio A. Fouillée, que não é simpático a Comte, diz a seu respeito — pág. 427, da *Histoire*,... cit.: "En somme, Auguste Comte, savant universel, penseur profonde et grand initiateur, a eu le mérite d'insister sur les méthodes qui conviennent aux sciences de la nature; mais il faut avouer que ces méthodes étaient connues avant lui".

René Le Senne chama Comte de "intelligence vigoureuse et constructive (*Introduction à la Philosophie* — Paris — 1927 — pág. 117).

É com estas palavras que Ed. Card termina o seu livro sobre o filósofo — *Op. cit.* — pág. 191: "Un esprit de cette force ne peut traiter de question sans y jeter une grande lumière, indépendamment de son propre système, et sur tout sans y montrer les difficultés vraiment difficiles à résoudre. C'est sur tout dans ces sujets que bien poser les problèmes c'est les résoudre à demi. Il y a de plus, comme Comte le dit lui-même quelque part, un immense avantage dans l'étude des questions complexes, à avoir devant les yeux un essai clair et systématique d'explication, car ce n'est qu'à force de critique que nous pouvons atteindre la vérité qui unifie les côtes et aspects différents du réel".

Adrien Roux — *La Pensée d'Auguste Comte* — Paris — 1920 — pág. 1 — exclama perplexo diante do pensamento do Autor do *Curso de Filosofia Positiva*: "Les ouvrages dont je vais présenter un assez court résumé, sont d'une puissance de conception et d'une richesse d'idées extraordinaires".

E depois, sobre o mesmo assunto da nossa nota n.º 1, da *Introdução* e deste capítulo: "Beaucoup, même parmi des disciples d'Auguste Comte, en parlent sans les bien connaître. Cette ignorance provient d'un développement réellement effrayant et dans une phraséologie fatigante que j'ai respectée parfois pour ne pas dénaturer des idées émises".

Para não ficarmos aqui a transcrever opiniões a respeito de Augusto Comte, podem ser vistos ainda os seguintes autores sobre a sua importância e influência na história da filosofia: W. Dilthey — *Teoria*, cit. — págs. 178, 247; H. A. Hodges — *Wilhelm Dilthey* — *An Introduction* 359, 359/361; R. Flint — *Op. cit.* — pág. 309; H. Sée — *Op. cit.* — pág. 41 e 45, nota; Rouvre — *Op. cit.* — pág. 7; A. Cresson — *Les Courants*, cit. — pág. 293; Adolfo Rava — *La Filosofia Europea en el Siglo XIX* — Buenos Aires — 1943 — págs. 127/128; 130/131; W. Windelband — *Op. cit.* — pág. 628; Fr. Brentano — *Psychologie du point de vue empirique* — trad. Maurice de Gandillac — Paris — 1944 — pág. 264; O. Hamelin — *Essai sur les Elements Principaux de la Représentation* — 2a. ed. — Paris — 1925 — págs. 221/222; Th. Ruyssen — *Positivisme* — in *La Grande Encyclopédie* — Vol. XXVII — págs. 403/407, com boa bibliografia e especificação das influências de Comte; G. Wyrnoff — *Comte* — *La Grande Encyclopédie* Vol. XII — Paris — pág. 284 e segs.; Roger Picard —

POSICÃO DE AUGUSTO COMTE NA HISTÓRIA

265

espírito científico, e que, talvez de outro modo, ficariam permanentemente inacessíveis a ele (43).

Depois de Comte, não houve um só sistema filosófico que não tivesse de tomar uma atitude a seu respeito. (44). Não é um pensamento que possa passar despercebido: mesmo com exceção dos positivistas ortodoxos e dos mais reconhecidamente influenciados por Taine, Ribot, Renan, Lange, Claude Bernard, Mach, etc.), quase todas as novas criações filosóficas deste século tiveram de opinar

A. Comte — *Pages Choieses* — Paris — 1912 — *Notice sur la Vie et la doctrine d'A. Comte* — págs. 1/25; Charles Secrétan — *La Philosophie de la Liberté* — 2a. ed. — Paris — 1866 — *Le Positivisme et la Métaphysique* — págs. V/LXXX, embora seja um ensaio crítico, de polémica, em que Secrétan aproxima Comte de Schelling, não deixa de declarar que o positivismo é o fato capital do século XIX (Pág. VIII); Pitrim Sorokin — *The Crisis of our Age* — New York — 1943 — págs. 127, 206, 283, 291, 300/301 Regis Jolivet — *Traité de Philosophie* — Vol. I — Paris — 1945 — págs. 175/176, sobre a classificação das ciências; mas ninguém é mais informativo, exageradamente, exaustivamente, do que R. P. Gruber, em dois livros de combate ao positivismo, chegando mesmo ao ponto de colocar como positivista, de modo amplo, qualquer representante de corrente agnóstica, utilitarista, empirista, relativista, materialista, e assim por diante. Vejam-se, principalmente o segundo livro, pelo fato material que apresenta: Auguste Comte — *Fondateur du Positivisme* — *Sa Vie* — *Sa Doctrine* — trad. do abbé Ph. Mazoyer e *Le Positivisme depuis Comte jusqu'à nos jours* — trad. do abbé Ph. Mazoyer — Paris — 1893.

(43) K. Pearson — *La Gramática de la Ciencia* — trad. de Julian Besteiro — Madrid — 1909 — pág. 535.

(44) Até mesmo Bergson que, a princípio, parece não afastado de Comte já se preocupou muito com suas teses. Num ensaio aparecido em 1901 sobre *Le parallélisme psycholo-physique et la métaphysique positive*, defendeu Bergson a tese de uma metafísica (daí o seu nome de positiva) que partiria dos fatos, da experiência sensível, mas que se iria afastando dos dados experimentais até às regiões mais afastadas da realidade. Escrevia Bergson: "Si cette signification de la vie peut être déterminée empiriquement d'une manière de plus en plus exacte et complète, une métaphysique positive (em itálico no original), c'est-à-dire incontestée et susceptible d'un progrès rectiligne et indéfini, est possible".

Pouco antes defendia Ed. Le Roy a mesma tese sob a denominação de *Un positivisme nouveau*, na Sociedade francesa de Filosofia, dando o assunto margem a discussões terríveis, sem que se pudesse chegar a um resultado definitivo.

Este trabalho de Bergson não chegou nunca a ser publicado em volume, como costumava ele fazer com outros ensaios e conferências. Para a discussão na Sociedade e o assunto em geral — Léon Husson — *L'intellectualisme de Bergson* — Paris — 1947 — págs. 55, 60, 72, 137; M. T. L. Penido — *La Methode Intuitive de M. Bergson* — Genève — Paris — págs. 29, 175/194; Ed. Le Roy — *Une Philosophie Nouvelle* — Henri Bergson — Paris — 1914 — págs. 115 e segs.; Jacques Chevalier — *Bergson* — Paris — 1948 — págs. 33/34, 90/91, 246.

a seu respeito: pragmatismo, fenomenologia, positivismo lógico, filosofia das ciências, behaviorismo e a própria corrente que admite a dicotomia entre ciências da natureza e ciências do espírito (45).

(45) Quanto ao pragmatismo, trata-se de questão pacífica embora as duas doutrinas não se ajustem sem deixar resto. O pragmatismo é mais empiricista e utilitarista do que o positivismo. Mas possuem, ingênuamente, muito de comum.

O próprio William James declarou seu acóido com o positivismo em muitos pontos — *Le Pragmatisme* — trad. Le Brun — Paris — 1925 — pág. 63: "Il s'accorde, par exemple,..... avec le positivisme, par son dédain pour les solutions verbales, les problèmes sans intérêt et les abstractions métaphysiques".

O livro é dedicado a Stuart Mill, que, se vivo, exclama William James, seria o chefe do movimento pragmatista. As págs. 274/276, defende-se James dos que o querem confundir, *tout court*, com o positivismo.

Quanto à ienomenologia, já vimos em notas anteriores, embora reconhecemos que não há semelhança de opiniões, e sim uma tomada de posição de um diante do outro, daí a presença do positivismo.

No que diz respeito ao positivismo lógico, também já vimos em notas anteriores mas, assim mesmo, não vem fora de propósito uma referência as monografias, publicadas em francês por Marcell Boli, nas quais se combate a metafísica na pesquisa científica, ineiramente em contrário à opinião de Meyerson. Podem ser vistos: Rudolf Carnap — *La Science et la Métaphysique* — Paris — 1934; Hans Hahn — *Logique, Mathématiques et Comnaissance de la Réalité* — Paris — 1935 — págs. 39 e segs.; Philipp Frank — *La Fin de la Physique Mécaniste* — Paris — 1936 — esp. pág. 25, em que fala em Comte; Ph. Frank — *Théorie de la Connaissance et Physique Moderne* — Paris — 1934, *passim*.

Na filosofia das ciências, na filosofia contemporânea, pode-se mesmo dizer que Augusto Comte foi o seu fundador e as suas teses — combatidas aceitas ou não — constituem sempre um ponto obrigatório de referência. E a grande maioria dos pensadores deste tipo, na França, pertencem, com variações naturais, à sua orientação, tais como Goblot, Rey, Milhaud, L. Weber, H. Poincaré, Le Dantec, Berthelot, Claude Bernard, Delbet. Em *La Philosophie Moderne*, escreve Abel Rey (Paris — 1908 — pág. 21) que a influência do positivismo de Comte foi feliz em inúmeros pontos do pensamento filosófico moderno.

Mesmo pensadores de tendência católica, como Pierre Duhem e Jacques Maritain. Em *La Théorie Physique* — Paris — 1914 — pág. 18, escreve Duhem que nenhuma física proporcionaria ensinamentos tão precisos, tão detalhados, para que deles se possam tirar todos os elementos de uma teoria física. E à pág. 24, define o que seja uma teoria física: "Une théorie physique n'est pas une explication. C'est un système de propositions mathématiques, déduites d'un petit nombre de principes, qui ont pour but de représenter aussi simplement, aussi complètement et aussi exactement que possible, un ensemble de lois expérimentales".

Aliás, escreve Ph. Frank — *Théorie*, cit. — pág. 24 — que Duhem sustentou as teses de Mach na França, sem concordar talvez com todas suas perspectivas, mas trazendo-lhes maior rigor lógico.

Sobre isso, com citações também de Le Roy e Maritain, surpreendentemente contra a intrusão da metafísica na física — André Metz cit., págs. 21/23.

Fora da França, na filosofia das ciências, o maior continuador de Comte foi o austríaco Ernst Mach, cujo livro *La Connaissance et l'Erreur* — trad. de Marcel Dufour — Paris — 1919 — se assemelha tanto às idéias de Comte, que se tem a impressão de estar lendo um resumo do *Cours*, mais científico, lógico e atualizado.

Sobre o cansaço da ciência atual pela invasão da metafísica e as confusões que tal diretriz metódica ia causando, veja-se Philipp Frank — *Betwecn Physics and Philosophy* — N. York — 1941 — cap. V, sobre a concepção positivista e a concepção metafísica da física, em que vem citado um estudo (motivo do ensaio de Frank) do grande físico Pascal Jordan — *Der positivistische Begriff der Wirklichkeit*, de 1934. Concorda Frank com o seu ponto de vista, e conclui dizendo que ninguém pensaria em ressusitar o velho positivismo de Augusto Comte, que não estava livre de elementos metafísicos e que, afinal, derramou-se por completo no mar da metafísica. Não obstante, pelo cansaço causado pelo abuso das concepções extra-científicas na ciência, nota-se uma crescente oposição à concepção metafísica da física." E em seu lugar propõe Jordan um positivismo "radical".

Embora não cite Comte nem uma vez, ou muitíssimo pouco, é patente também a influencia de Comte nas idéias de Bertrand Russel, anti-causalista convicto, que em sua crítica, à noção de causa, lembra até palavras de Comte. Veja-se, entre outras coisas, o capítulo — *La notion de cause* — de seu livro *Méthode Scientifique en Philosophie* — trad. de Ph. Devaux — Paris — 1929 — págs. 167 e segs.

Veja-se ainda, para as teses de Augusto Comte em assuntos de filosofia das ciências e as discussões atuais: Léon Brunschvicg — *L'Expérience Humaine et la Causalité Physique* — Paris — 1949 — págs. 153, 309, 322 e segs.; Léon Brunschvicg — *Les Étapes de la Philosophie Mathématique* — Paris — 1947 — págs. 283/288; Robert Blanché — *La Science Physique et la Réalité* — Paris — 1948, *Passim*.

Quanto ao behaviorismo, basta lembrar a sua crítica — repetida em várias oportunidades — à introspecção como método legítimo em psicologia. Em seu livro genérico, de exposição da doutrina — *Behaviorism*, New York — 1930 — não se refere John Watson ao nome de Comte, nem do positivismo como seus precursores, mas a matéria é pacífica.

O behaviorismo atual é muito mais radical do que a proposição comtiana, mas o ponto inicial da crítica à introspecção permanece o mesmo. No próprio livro de Watson, págs. 4 e 39, Dittley refere-se a Comte como o "grande crítico do método introspectivo" e declara que Brentano prende-se a Mill, que por sua vez se liga a Comte. — *Psychologie*, cit. — pág. 367.

A Gardner Murphy não passou despercebido este parentesco histórico — aliás, de fácil verificação — entre Watson e Comte — *Historical Introduction to Modern Psychology*, London — 1949 — pág. 125: "Comte also inveighed against introspective methods very much in the spirit of modern behaviorism; if he had a program of research he might fairly be called the first behaviorist".

Sobre esta posição de Comte é imensa a bibliografia. Veja-se também Otto Klemm — *Historia de la Psicología* — trad. de Santos Rubiano — Madrid — 1916 — pág. 80: "La esterilidad de tantas observaciones mediante el sentido interno indujo a su crítica como rigen del conocimiento

Desde muy pronto influyó Comte con su sagacidad en el desarrollo de esta crítica.”

Voltaremos ao assunto.

Esta dicotomia já era, de certo modo, sentida no tempo de Comte, devido ao dualismo —razão pura e razão prática de Kant — e à dicotomia de Ampère, ciências cosmológicas e ciências noológicas. E foi no mesmo sentido que caminhou Comte, distinguindo cada vez mais entre as ciências do mundo inorgânico e as ciências do mundo orgânico; e, nestas, mesmo entre animalidade e humanidade.

Cada vez mais, mesmo no seu segundo período de vida intelectual, dava Augusto Comte importância maior ao elemento espiritual ou intelectual em comparação com os elementos materiais, inclinando-se pelo primado do histórico em relação à natureza. De certa feita, chegou êle a afirmar que era o mundo social e histórico que amparava o homem em sua luta com a natureza, era através da história e da sociedade que o homem interpretava e compreendia a natureza. Apesar da dose crescente de liberdade que Comte foi admitindo em seu sistema, não se pode negar, porém, que êle tinha em vista a aplicação dos métodos das ciências naturais à ciência social e à história. Mas não há negar, também, que criou para a sociologia um método próprio e específico: o método histórico.

Medite-se bem sobre êstes pequenos trechos de Comte, e veja-se se aí não está, em germe a dicotomia de Dilthey, desenvolvida em seu livro *Einleitung in die Geisteswissenschaften*: “C'est surtout ainsi (pelo método histórico) que la science sociologique doit d'abord se distinguer profondément de la science biologique proprement dite, ainsi que j'expliquerai spécialement dans la leçon suivante. En effet, le principe positif de cette indispensable séparation philosophique résulte de cette influence nécessaire des diverses générations humaines sur les générations suivantes, qui, graduellement accumulées d'une manière continue, finit par constituer la considération prépondérante de l'étude directe du développement social. Tant que cette prépondérance n'est point immédiatement reconnue, cette étude positive de l'humanité doit rationnellement paraître un simple prolongement sponté de l'histoire naturelle de l'homme. Mais ce caractère scientifique, fort convenable en se bornant aux premières générations, s'efface nécessairement de plus en plus à mesure que l'évolution sociale commence à se manifester davantage et doit se transformer finalement, quand une fois le mouvement humain est bien établi, en un caractère tout nouveau, directement propre à la science sociologique, où les considerations historiques doivent immédiatement prévaloir”.

Diz êle que o método histórico é o que empresta à sociologia o seu aspecto puramente lógico, já que a filiação histórica de gerações e o desenvolvimento mental da humanidade só aqui podem ser surpreendidos desta maneira.

É confessa a influência de Comte em Dilthey. Vejam-se H. A. Hodges — *The Philosophy of Wilhelm Dilthey* — London — 1952 — págs. 2, 18, 19 e 89 e Eugenio Punziarelli — *Introducción a la Filosofía de Dilthey* — in *W. Dilthey — la Essência de la Filosofía* — B. Aires — 1944 — pag. 64/66. E assim se manifesta Dilthey — sobre esta dicotomia — natureza e história — em Comte: “Cette analyse de l'entité psycho-physique nous permet de nous représenter plus clairement les liens de dependance qui

E tudo isso, por que? Por uma razão muito simples, como já percebera Lévy-Bruhl: "Par sa philosophie proprement dite, il est un "homme représentatif" de son siècle tout entier" (46).

unissent cette entité a l'ensemble de la nature cet ensemble a l'interieur duquel elle se manifeste, elle agit et auquel elle retourne, et par là même, de déterminer à quel point l'étude de la réalité historique-sociale dépend de notre connaissance de la nature. Nous pouvons également déterminer jusqu'à quel degré sont justifiées des théories de Comte et de Spencer, et s'ils accordent une place légitime aux sciences historiques et sociales dans la classification qu'ils font de nos connaissances".

Voltaremos, também, sobre este ponto.

(46) L. Lévy-Bruhl — *Op. cit.* — pág. 20. Abandonamos de propósito a influência mística ou religiosa do sistema de Comte até mesmo sua influência política. Quisemos trata-lo, como aconselha — e o fez — Levy — Bruhl puramente como filósofo, o mais próximo possível do núcleo central de qualquer filosofia mais elevada — a teoria do conhecimento. Mas longe de nós pretendermos desconhecer a sua importância imensa neste sentido. Não fôsemos nós brasileiro, com a bandeira desse país sempre diante dos olhos: ordem e progresso...

Mas evitamos deliberadamente penetrar neste terreno, tão cheio de areia movediça, que são as paixões dos adeptos e dos adversários. Em filosofia pura todos os sistemas estão no mesmo plano de livre exame. E foi nesta atitude que nos propusemos ficar.

Aliás, René Hubert — *Op. cit.* — pág. 70 — refere-se a esta influência política de Comte, como o fazem todos os seus biógrafos, e escreve: "El positivismo inspiró algunas leyes constitucionales de ciertos Estados de Suramérica". Queria êle, talvez, referir-se à Constituição republicana do Brasil. O outro país em que foi grande a influência positivista foi o México, que não é da América do Sul.

O assunto foi motivo de uma tese de doutorado recentíssima do Prof. Paul Arbousse-Bastide, em França, sob o título de *Le Positivisme politique et religieux au Brésil*, com mais de 1.000 páginas e limitando-se ao período da feitura da nossa primeira constituição republicana. Compôs-se a Banca Examinadora de conhecidas personalidades no mundo da filosofia francesa: Le Senne, Henri Gouhier, René Poirier, René Tapié e o Dr. Poyer.